

---

**Projecto Lomaco-Montpepuez**  
**Relatorio de analise do inquerito conducido**  
**durante a campanha 1999-2000**

---

Uma primera visão sobre os sistemas de produção et de  
culturas na zona de Montepuez

---

05 de Julho de 2000

Carlos Tomas  
Henri Reneaud  
Michel Fok A.C.





---

**Projecto Lomaco-Montpepuez**  
**Relatorio de analise do inquerito conducido**  
**durante a campnha 1999-2000**

Uma primera visão sobre os sistemas de produção et de  
culturas na zona de Montepuez

---

05 de Julho de 2000

Carlos Tomas  
Henri Reneaud  
Michel Fok A.C.

## Tabela de matérias

<b>1. CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES SOBRE O INQUÉRITO REALISADO.....</b>	<b>3</b>
<b>2. SOBRE A ORIGEM DAS EXPLORAÇÕES .....</b>	<b>3</b>
2.1. UMA JUVENTUDE DOS CHEFES DE EXPLORAÇÃO A CONFIRMAR .....	3
2.2. SOBRE A ORIGEM DOS CHEFES DE EXPLORAÇÃO .....	4
<b>3. SOBRE A DEMOGRAFIA .....</b>	<b>4</b>
3.1. DADOS GERAIS TIRADOS DA AMOSTRA .....	4
3.2. AS EXPLORAÇÕES POUCO POPULOSAS .....	5
<i>Uma população média de 4 pessoas .....</i>	<i>5</i>
<i>Com uma parte significativa de explorações de 2 –3 pessoas .....</i>	<i>5</i>
<i>Com frequentemente 2 pessoas para trabalhar no campo .....</i>	<i>6</i>
<i>Uma certa percepção de baixa força de trabalho.....</i>	<i>7</i>
3.3. UMA NECESSIDADE GERALMENTE RESENTIDA EM MÃO-OBRA-COMPLEMENTAR .....	7
3.4. QUESTÃO : COMO GANHAR EM PRODUTIVIDADE SOB FORTE CONSTRANGIMENTO DEMOGRÁFICO ? .....	9
<b>4. UMA SITUAÇÃO DE HABITAT DE PREFERÊNCIA SATISFATÓRIO .....</b>	<b>9</b>
4.1. CERCA DE DUAS CASAS POR EXPLORAÇÃO .....	9
4.2. UM ESTADO DE PREFERÊNCIA SATISFATÓRIO DAS HABITAÇÕES .....	9
4.3. UMA FRACA PROMISCUIDADE.....	9
<b>5. UMA PAISAGEM DE APOIO AGRÍCOLA DOMINADA PELA LOMACO.....</b>	<b>10</b>
<b>6. SOBRE AS ACTIVIDADES DE PRODUÇÃO .....</b>	<b>10</b>
6.1. UMA PRÁTICA BASTANTE CORRENTE DE ACTIVIDADES ANEXAS DE CRIAÇÃO.....	10
6.2. ACTIVIDADES ANEXAS RAZOÁVEIS SOBRE EXPLORAÇÕES DE RECURSOS NATURAIS LOCAIS.....	11
6.3 UM RETORNO DA PRODUÇÃO ANIMAL PELA CRIAÇÃO DE PEQUENA ESPÉCIE .....	12
<b>7. SOBRE A NATUREZA .....</b>	<b>12</b>
7.1. UM ÍNDICE SOBRE UMA BAIXA PRESSÃO SOBRE A TERRA RESENTIDA ?.....	12
7.2. MACHAMBAS DE CASA E MACHAMBAS DO MATO .....	13
7.3. UMA PRÁTICA REDUZIDA DO POUSIO .....	14
<b>8. SOBRE A SEGURANÇA ALIMENTAR E A ESTRATÉGIA DE PRODUÇÃO ALIMENTAR.....</b>	<b>15</b>
8.1. UMA BOA TAXA DE AUTO-SUFICIÊNCIA .....	15
8.2. O RENDIMENTO COMO FACTOR ESSENCIAL DE AUTOSUFICIÊNCIA ALIMENTAR.....	16
<i>Uma primeira percepção positiva da evolução dos rendimentos.....</i>	<i>17</i>
<i>Oferecer seus braços em caso de insuficiência alimentar.....</i>	<i>18</i>
8.3. UMA VONTADE DE MANTER PELO MENOS AS SUPERFÍCIES ALIMENTARES .....	18
8.4. SOBRE A SITUAÇÃO DE EXCEDENTES ALIMENTARES .....	19
<i>Uma situação favorável .....</i>	<i>19</i>
<i>Uma percepção favorável sobre a evolução de excedentes .....</i>	<i>19</i>
<i>Um Uso de troca predominante de excedentes .....</i>	<i>20</i>
<b>9. SOBRE A PRODUÇÃO DO ALGODOEIRO.....</b>	<b>21</b>
9.1. UMA BOA ADESAO AO ALGODÃO.....	21
9.2. UMA PERCEPÇÃO DE UMA EVOLUÇÃO MITIGADA DAS RECEITAS DO ALGODÃO .....	22
<b>10. ANÁLISE DOS SISTEMAS DE CULTURAS .....</b>	<b>22</b>
10.1. PEQUENAS EXPLORAÇÕES PELA SUPERFÍCIE CULTIVADA .....	22
10.2. UMA UTILIZAÇÃO INTENSIVA DAS TERRAS PELA PRÁTICA DA CONSOCIAÇÃO .....	24
10.3. LUGAR DAS CULTURAS .....	24
<i>As consociações e as culturas .....</i>	<i>24</i>
<i>Lugar variável do algodão.....</i>	<i>25</i>
<i>As leguminosas.....</i>	<i>25</i>
<i>Os cereais.....</i>	<i>26</i>



<i>Lugar da mandioca</i> .....	27
10.4. UMA INTENSIFICAÇÃO MÍNIMA .....	27
10.5. OS RESULTADOS DA PRODUÇÃO .....	28
<i>Resultado do algodão</i> .....	28
<i>Resultado da produção de cereais</i> .....	31
<b>11. ANEXO</b> .....	<b>34</b>
11.1. UTILISAÇÃO DOS INSUMOS .....	34
<b>12. LISTA DE TABELAS</b> .....	<b>35</b>
<b>13. LISTE DOS GRÁFICOS</b> .....	<b>37</b>

## 1. Considerações preliminares sobre o inquérito realizado

O inquérito realizado no curso da campanha 1998-99 conheceu dificuldades já evocadas nos relatórios trimestrais da equipa de investigação e acompanhamento que não mais abordaremos. Estas dificuldades em particular levou à revisão e ao abaixamento do número de aldeias concernentes ao inquérito. Em definitivo o inquérito foi conduzido em 10 aldeias com 5 explorações por aldeia. O tamanho da amostra é então pequeno, tanto pelo número de aldeias inquiridas como pelo número de explorações em cada aldeia. O abaixamento do número de explorações inquiridas por aldeia não permite esclarecer diferenças eventuais entre aldeias (efeito aldeia), nem tentar uma zonagem em função de diversos critérios nem de propor uma tipologia de explorações. Por outros motivos a escolha de explorações feita pelo serviço de investigação e acompanhamento não corresponde a amostragem ao acaso : foi realizado para dispor em parte de explorações algodoeiras e de explorações não algodoeiras e então não se conhece até hoje as partes relativas. A representatividade da mostra não é então perfeita, e também convém ser prudente na extrapolação dos resultados obtidos.

O conteúdo do inquérito concebido tem a vantagem de ser largo a fim de dispor de um grande número de informação para aprender os sistemas de informação de cultura. O questionário não foi concebido com previsão de entrada informática de dados nem para sua exploração. Esta imperfeição foi corrigida pela concepção de uma base relacional em Microsoft Access. Nesse trabalho as perguntas abertas foram transformadas em perguntas fechadas com um número limite de modalidades retidas em função de respostas fornecidas pelos camponeses.

Notamos que sobre 48 explorações do inquérito 3 se revelaram ser particulares pelo facto que seus chefes não exercem a agricultura como uma actividade principal. Por esta razão a análise de dados concernirá com mais frequência sobre as 45 verdadeiras explorações agrícolas.

A análise do inquérito em Dezembro 1999, mesmo que parcial, permitiu ajustar um inquérito complementar actualmente em curso para a campanha 1999-2000 : ajustamento em termos de tamanho da amostra, modalidades de amostragem, do complemento das questões postas mais também de enunciar as questões expostas e a precisão sobre as respostas possíveis. A realização deste inquérito esta em curso cobrindo mais de 700 explorações, e permitirá consolidar e completar o conhecimento adquirido no inquérito 1999.

O presente relatório tem por objectivo fornecer uma visão completa da análise de dados recolhidos para mostrar as informações que são possíveis de extrair. É necessário uma visão indicativa devido as limitações assinaladas. Podemos pensar que as informações relativas a demografia de explorações, as superfícies cultivadas deveriam ser validadas. Por outro lado as informações sobre o lugar das culturas, como o algodão em particular ( pelo facto das dificuldades da Lomaco em realizar a comercialização do algodão caroço na campanha passada) deveria variar muito.

## 2. Sobre a origem das explorações

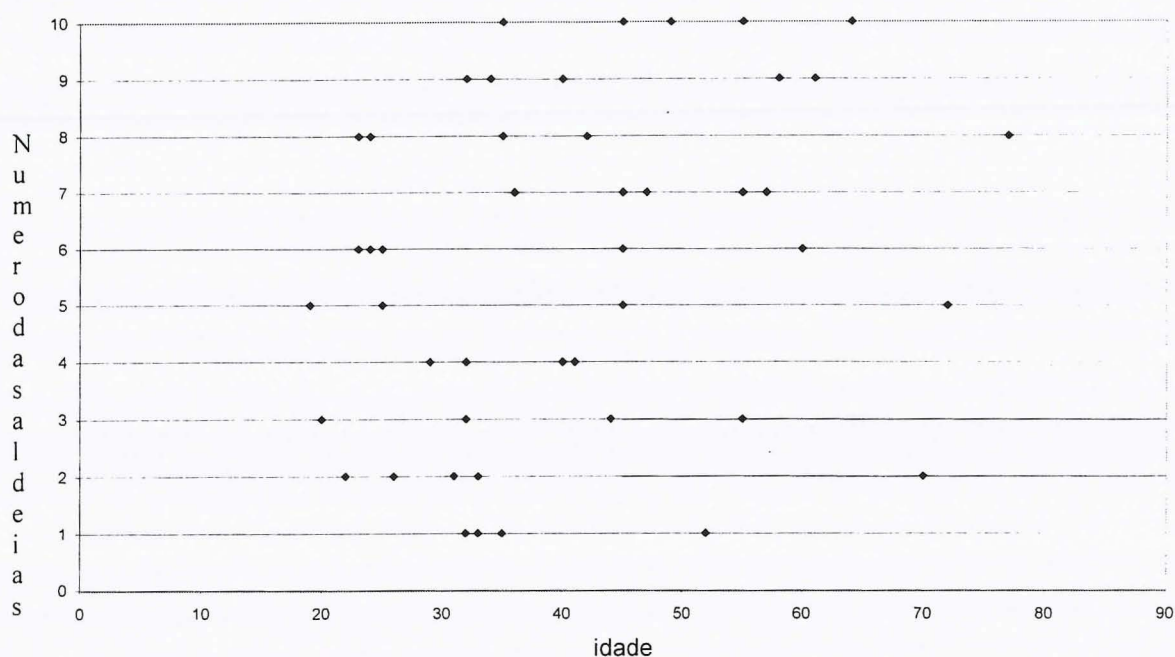
### 2.1. *Uma juventude dos chefes de exploração a confirmar*

A média de idades é de 35-40 anos em 7 aldeias sobre 10, mais, notamos também aldeias com chefes de explorações mais idosos e, é contudo possível que isto seja um desvio devido ao baixo número de explorações.



Gráfico 1 : Distribuição das explorações em função da idade dos chefes de exploração

Distribuição das explorações segundo idade dos chefes nas dez aldeias



## 2.2. Sobre a origem dos chefes de exploração

A percentagem com uma origem « estrangeira » é bastante substancial : 1/3 das explorações da amostra. Esta instalação concerne também aos cristãos e muçulmanos. A idade da exploração não foi considerada no inquérito o que não permite aprender a evolução no tempo destas instalações.

Tabela 1 : A repartição de explorações em função da sua origem, da etnia e da religião dos chefes de exploração

Agricultura e actividade principal	1
Quanto tempo faz algodao	(Tous)

NB Numero exploração		Etnia		Religiao		Total
		Macua		Outra		
8 Tipo instalação na aldeia	Estado civil	Cristao	Musulmana	Musulmana		
imigrado	Casado	5	9			14
	Nao casodo			1		1
Nativo	Casado	13	17			30
Total		18	26	1		45

## 3. Sobre a demografia

### 3.1. Dados gerais tirados da amostra

Os dados mostram uma certa juventude dos chefes de exploração. A distribuição de crianças em função das idades não foi inserida no inquérito 1999, o inquérito 2000 actualmente em curso esclarecerá este ponto. Podemos pensar que necessita-se de novos arranjos. É muito prudente não

sobrecarregar sobre as relações em função de sexo pelo facto do baixo tamanho da amostra : é também um ponto que será melhor precisado no inquérito 2000. Do mesmo modo o grau de poligamia.

*Tabela 2 : Dados gerais sobre a demografia das explorações*

Aldeia	Numero explorações	Idade	Numero habitantes	Numero crianças	valores medias		
					Habitantes Fem	%crianças/habitantes	%Mulheres/habitantes
Nsewe	5	34	5,6	2,2	3,0	30,6%	52,6%
Napula	5	35	2,8	0,8	1,4	23,3%	51,7%
Zambia	5	36	3,4	1,4	1,6	35,3%	45,3%
Nanune	5	37	3,2	1,0	1,8	21,9%	48,1%
Chimoio	4	38	5,8	4,0	3,8	61,5%	66,7%
Nogica	5	40	3,2	0,8	1,4	21,3%	47,3%
Bandar	4	40	2,8	0,5	1,5	14,6%	54,2%
Merupe	5	45	4,4	2,0	2,0	42,0%	43,7%
Ntapata	5	48	3,8	1,6	2,0	31,4%	53,6%
Napaco	5	50	4,6	2,2	2,8	46,0%	62,0%

### 3.2. As explorações pouco populosas

#### Uma população média de 4 pessoas

A população média das explorações é de 4 pessoas, para chefes de explorações que são todos casados. A origem dos chefes de exploração, nativos ou não das aldeias visadas não joga sobre esta média..

*Tabela 3 : População média por exploração*

Agricultura e actividade principal	1
------------------------------------	---

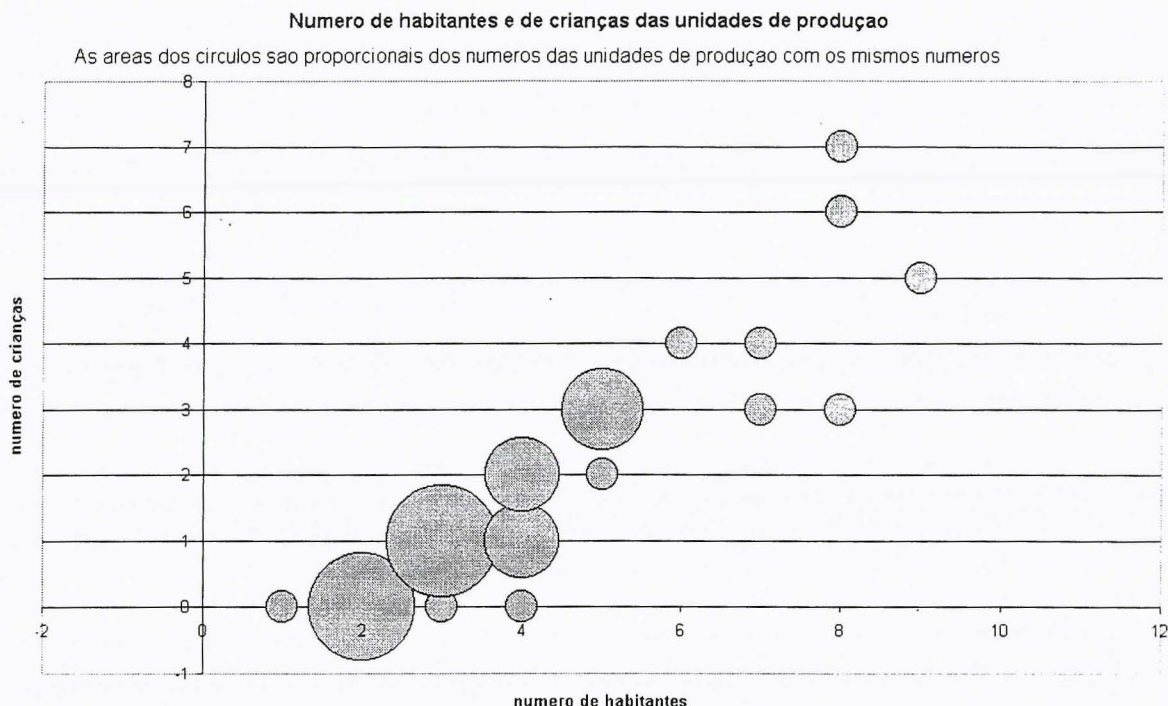
Moyenne Numero habitantes	8 Tipo instalação na aldeia		
Estado civil	imigrado	Nativo	Total
Casado	4	4	4
Nao casado	1		1
Total	4	4	4

#### Com uma parte significativa de explorações de 2 –3 pessoas

O gráfico seguinte mostra que a média indicada esconde a existencia de explorações com tamanho pequeno de 2-3 pessoas, provavelmente de jovens casais com um ou sem filhos.



Gráfico 2 :Distribuição de explorações em função do número de habitantes e de crianças

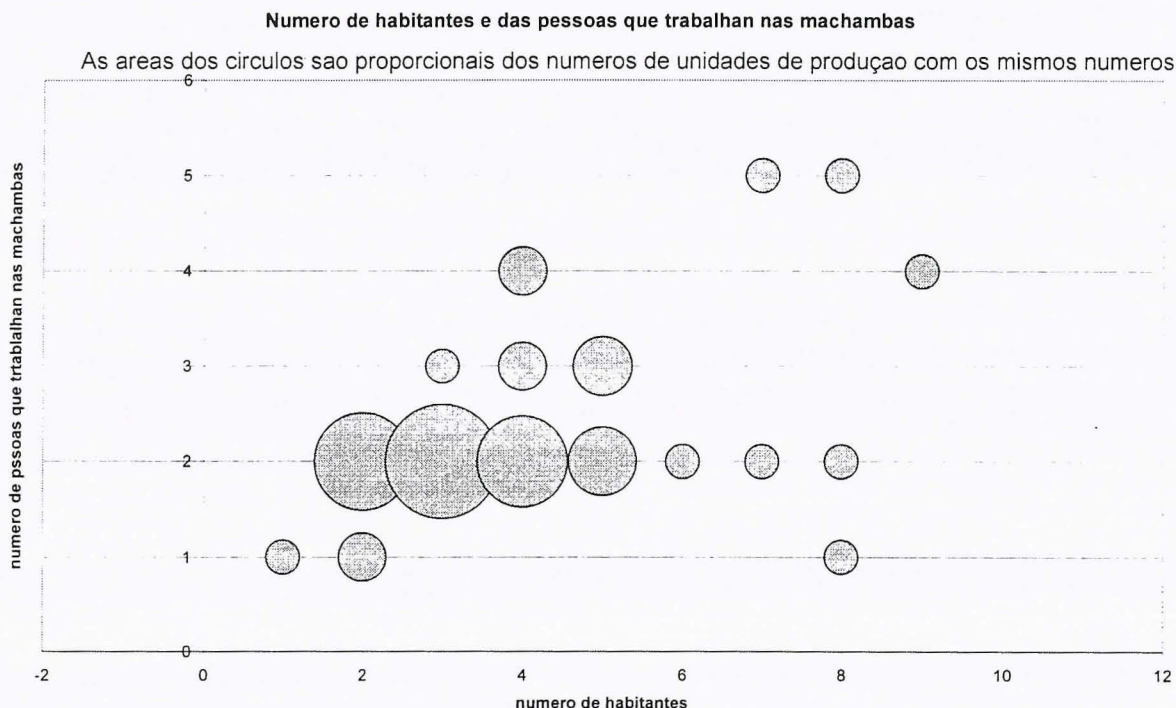


Observação : A superfície dos circulos é proporcional ao número de explorações que dispõem de mesmo número de habitantes e crianças. A superfície de base corresponde a uma exploração

#### Com frequentemente 2 pessoas para trabalhar no campo

À vezes que os chefes de explorações não dispõem que sómente os seus dois braços para trabalhar , mas as explorações não têm que frequentemente 2 pessoas para os trabalhos do campo.

Gráfico 3 : Distribuição de explorações em função do número de habitantes e de pessoas que trabalham no campo



Observação : A superfície dos circulos é proporcional ao número de explorações que dispõem de mesmo número de habitantes e de pessoas que trabalham no campo

### Uma certa percepção de baixa força de trabalho

Ainda que o nível em factor humano é baixo constatamos uma certa percepção (em 1/3 das explorações) a diminuição deste factor em relação com o envelhecimento das pessoas. É sobretudo o sentimento das explorações de origem autoctone.

Tabela 4 : os factores de baixa em mão de obra familiar

Agricultura e actividade principal	1
Tem actividades anexas	(Tous)
8 Tipo instalação na aldeia	(Tous)

NB Numero exploração	Diminuição força trabalho ?		
Razoes diminuição força trabalho	0	1	Total
Envelhecimento		9	9
nao apropriado	29		29
Outro		1	1
Saida		2	2
Saude		3	3
(vide)	1		1
Total	30	15	45

Observação : 0 para Não, 1 para Sim

A influência do fenómeno do êxodo não é bem conhecido. Este fenómeno é real mas é diferenciado entre as aldeias e é conhecido de maneira variável entre as explorações.

Tabela 5 : Percepção variável do fenómeno do êxodo rural

Agricultura e actividade principal	1
Religiao	(Tous)
Quanto tempo faz algodao	(Tous)
8 Tipo instalação na aldeia	(Tous)
Tem actividades anexas	(Tous)
Aldeia	(Tous)

NB Numero exploração	44 Tem exodo na aldeia		
45 sua casa afectada por exodo	0	1	Total
0	22	21	43
1		2	2
Total	22	23	45 <sub>b</sub>

Observação : 0 para Não, 1 para Sim

### 3.3. Uma necessidade geralmente ressentida em mão-obra-complementar

Sobressai uma necessidade muito comumente ressentida em mão de obra complementar : só 19 explorações (42%) cultivam sem recurso a força activa exterior. Esta necessidade em mão-de-obra parece muito forte nas explorações de origem autoctone.

O emprego de mão-de-obra exterior concerne assim tanto para a produção do algodão e para a produção de culturas alimentares e, talvez mesmo dando vantagem para as alimentares.



Tabela 6 : O recurso a mão-de-obra exterior na produção algodoeira e alimentar

Agricultura e actividade principal 1

NB Numero exploração	21 Cultiva alimentares so com familia		
8 Tipo instalação	19 Cultiva algodao so com familia	0	1 Total
imigrado	0	10	1 11
	1		4 4
Somme imigrado		10	5 15
Nativo	0	11	2 13
	1	2	15 17
Somme Nativo		13	17 30
Total		23	22 45

Observação : 0 para Não, 1 para Sim .

A maneira de recorrer a mão-de-obra exterior não foi bem introduzida para o inquérito 1999 (pagamento monetário, troca de produtos ou de trabalho). As tabelas seguintes indicam uma certa incoerência (caso de ausência de contratação de mão-de-obra enquanto declaram não cultivar somente com a família), é possível que isto provém de ambiguidades no momento da realização do inquérito.

Tabela 7 : contratação de mão-de-obra exterior para as produções alimentares

Agricultura e actividade principal 1  
8 Tipo instalação na aldeia (Tous)

NB Numero exploração	21 Cultiva alimentares so com familia		
63 contrata mao de obra ?	0	1	Total
0	7	18	25
1	16	4	20
Total	23	22	45

Observação : 0 para Não, 1 para Sim .

Tabela 7 : contratação de mão-de-obra exterior para as produções algodoeiras

Agricultura e actividade principal 1  
8 Tipo instalação na aldeia (Tous)

NB Numero exploração	19 Cultiva algodao so com familia		
63 contrata mao de obra ?	0	1	Total
0	6	19	25
1	18	2	20
Total	24	21	45

Observação : 0 para Não, 1 para Sim .

Todavia a tabela seguinte permite constatar que o recurso ao trabalho exterior não se faz unicamente sob a forma de troca de trabalho : sobre 21 explorações que recorrem a mão-de-obra exterior as vezes para cultivar algodão e culturas alimentares existem 15 não prestam trabalho aos outros.

Tabela 9 : Troca de trabalho entre as explorações

Agricultura e actividade principal 1  
8 Tipo instalação na aldeia (Tous)  
21 Cultiva alimentares so com familia 0  
19 Cultiva algodao so com familia 0

NB Numero exploração	63 contrata mao de obra ?		
64 seus membros trabalham em machambas alheias	0	1	Total
0	4	11	15
1	1	5	6
Total	5	16	21

As operações que justificam mais o recurso a mão-de-obra são a sacha, o desmatamento, e a colheita (respectivamente 30, 15 e 12 explorações citaram).

### 3.4. 3.4 Questão : Como ganhar em produtividade sob forte constrangimento demográfico ?

Globalmente as explorações são de tamanho reduzido com poucos braços disponíveis para o trabalho no campo. As crianças parecem ser de princípio bocas antes de serem braços . Por outros motivos as explorações não dispõem de equipamento. O desafio técnico é posto para fazer ganhar em produtividade por práticas culturais pouco exigentes em trabalho e sem recurso a equipamentos.

## 4. Uma situação de habitat de preferência satisfatório

### 4.1. Cerca de duas casas por exploração

O número médio de casas por exploração é ligeiramente inferior a 2. A a religião, a etnia (a etnia Macua é largamente predominante), ou a origem de instalação das explorações nas aldeias não têm nenhuma influência sobre esta média.

Tabela 10 : Número médio de casas por exploração

Agricultura e actividade principal	1
6 Estatuto de propriedade das terras	(Tous)
Relação com a Lomaco	(Tous)
Estado civil	(Tous)
8 Tipo instalação na aldeia	(Tous)

Moyenne Numero de casas	Religiao		
Etnia	Cristao	Musulmana	Total
Macua	1,8	1,6	1,7
Outra		1,0	1,0
Total	1,8	1,6	1,6

### 4.2. Um estado de preferência satisfatório das habitações

O estado das casas é geralmente considerado como satisfatório. As casas são essencialmente construídas de barro amassado com armadura de bambu seguindo as técnicas locais

Tabela 11. Apreciação sobre o estado das casas

Agricultura e actividade principal	1
Relação com a Loma	(Tous)
Tem actividades anexas	(Tous)

NB Numero exploração		Numero de casas			
Material de casas	Estado das casas	1	2	3	4 Total
bambus maticados	Bom	7%	2%	0%	0% 9%
	Mau	0%	7%	2%	0% 9%
	Moderato	29%	18%	2%	0% 49%
Somme bambus maticados		36%	27%	4%	0% 67%
blocos	Bom	4%	4%	0%	0% 9%
	Mau	0%	2%	0%	0% 2%
	Moderato	7%	11%	2%	2% 22%
Somme blocos		11%	18%	2%	2% 33%
Total		47%	44%	7%	2% 100%

### 4.3. Uma fraca promiscuidade

Seguindo a construção tradicional , as casas são bastante grandes, compartimentados em 3-4 quartos enquanto o número médio de pessoas por casa é menos de 3.



Tabela 12 : número médio de habitantes por casa

Agricultura e actividade principal	1
8 Tipo instalação na aldeia	(Tous)

Moyenne Habitante/casa	Etnia	Religiao		
	Macua		Outra	Total
Estado civil	Cristao	Musulmana	Musulmana	
Casado	2,8	2,7		2,7
Nao casado			1,0	1,0
Total	2,8	2,7	1,0	2,7

## 5. Uma paisagem de apoio agrícola dominada pela Lomaco

Sobre as 45 explorações com actividade essencialmente agrícola, 39 declararam beneficiar de apoio da Lomaco. Se a amostragem fosse representativa ele actuaria como uma indicação de um forte reconhecimento dos serviços da Lomaco.

Existem alguns camponeses que declararam beneficiar de apoio de outros serviços agrícolas financiados pelo banco mundial. Não existem ONG'S operando na zona da Lomaco. É provável que esta declaração substima a realidade porque os camponeses associam geralmente um apoio ao fornecimento de insumos (o que o projecto mencionado não faz parte)

Tabela 13 : Pecepção de um apoio agrícola exclusivo da Lomaco

Agricultura e actividade principal	1
Quanto tempo faz algodao	(Tous)
Tipo identificação	(Tous)

NB Numero exploração	Relação com outros servicios de apoio			
Relação com a Lomaco		0	1	Total
0		6		6
1		35	4	39
Total		41	4	45

## 6. Sobre as actividades de produção

### 6.1. Uma prática bastante corrente de actividades anexas de criação

Na amostra, 80% das explorações dedicam-se a prática de actividades anexas e ou de criação. Um terço das explorações pratica ao mesmo tempo a criação e actividades anexas.

*Tabela 14 : Uma prática bastante corrente de actividades anexas de criação*

Agricultura e actividade principal	(Tous)
8 Tipo instalação na aldeia	(Tous)

NB Numero exploração	Faz criação		
Tem actividades anexas	0	1	Total
0	20%	38%	58%
1	9%	33%	42%
Total	29%	71%	100%

São sobretudo as explorações « nativas » que se dedicam as actividades anexas. Por outro lado no que concerne a criação, não há distinção entre as origens das explorações.

*Tabela 15 : Repartição de explorações em função da prática de criação e de actividades anexas*

Agricultura e actividade principal	(Tous)
Quanto tempo faz algodao	(Tous)
Tipo identificação	(Tous)

NB Numero exploração		Faz criação		
8 Tipo instalação na aldeia	Tem actividades anexas	0	1	Total
imigrado	0	3	9	12
	1		3	3
Somme imigrado		3	12	15
Nativo	0	6	8	14
	1	4	12	16
Somme Nativo		10	20	30
Total		13	32	45

## **6.2. Actividades anexas razoáveis sobre explorações de recursos naturais locais**

Desde que uma exploração conduz uma actividade anexa, é raro ele faça uma segunada (4/19), uma só tem três actividades.

As actividades anexas se apoiam sobretudo em exploração de recursos naturais locais : artesanato e exploração de madeira para a energia doméstica. Encontra-se precisamente no acesso aos recursos naturais uma explicação de uma menor implicação nas explorações de origem estrangeira.



*Tabela 16 : As diferentes actividades anexas conduzidas*

Agricultura e actividade principal	1
Tem actividades anexas	1

NB Numero exploração	2a actividade anexa					
1a actividade anexa	comercio	Lenha-carvao	nao apropriado	outro	pesca	Total
Alfaiate				2		2
artesanato		1		5	1	7
comercio				2		2
Lenha-carvao		1		5		7
outro				1		1
Total	1	1		15	1	19

A rentabilidade económica das actividades anexas é julgado como pouco importante : sua contribuição a diversificação e a estabilidade das receitas monetárias deve então ser baixo face as actividades agrícolas. O aumento da receita dos camponeses, ou a redução da pobreza nas campanhas deverá passar essencialmente pela agricultura.

*Tabela 17 : Percepção de uma rentabilidade reduzida das actividades anexas*

Agricultura e actividade principal	1
Tem actividades anexas	1

NB Numero exploração	68 Rendimentos das actividades anexas sao altos					
1a actividade anexa	0					1 Total
Alfaiate					2	2
artesanato					7	7
comercio					2	2
Lenha-carvao					7	7
outro					1	1
Total					18	19

### 6.3. 6.3 Um retorno da produção animal pela criação de pequena espécie

Antes do retorno da paz civil a criação de gado tinha quase desaparecido. Esta actividade recomeçou, mais de 70 % das explorações fazem a criação de animais e, certos de entre eles criam diversos tipos de animais. É a avicultura que predomina (citado por 57% das explorações), seguido da criação de ovinos e caprinos (33% das explorações). A criação de porcos é rara ainda e a criação de bovinos não foi detectada..

*Tabela 18 : as primeiras produções animais praticadas*

Agricultura e actividade principal	1
8 Tipo instalação na aldeia	(Tous)
Faz criação	1

NB Numero exploração	
1a criação	Somme
aves	16
Ovino-caprino	15
porcino	1
Total	32

## 7. Sobre a natureza

### 7.1. Um indice sobre uma baixa pressão sobre a terra ressentida ?

Em Moçambique os camponeses não gozam que do direito de usufruir de terras atribuídas pelas autoridades locais das aldeias, o Estado sendo o proprietário das terras.

Todas as explorações se consideram como proprietários das terras cultivadas, mais isto revela sobretudo que eles têm conhecimento do gozo de um direito de usufruir sem limite de tempo. É muito surpreendente constatar que cerca de 40% das explorações afirmam cultivar sem pedir autorização para o fazer o que é contrário ao costume local. Podemos emitir a hipótese que existem zonas aos quais nenhum chefe da aldeia pretende fazer a gestão da terra, o que constitui um sinal de uma pressão sobre a terra ainda pouco perceptível.

*Tabela 19 : Usufruto e autorização de cultivar as terras*

Agricultura e actividade principal	1		
Religiao	(Tous)		
NB Numero exploração	8 Tipo instalação na aldeia	6 Estatuto de propriedade das teras	
	imigrado	Nativo	Total
6 Tem autorização para cultivar as teras	Proprietario	Proprietario	
0	10	7	17
1	5	23	28
Total	15	30	45

## 7.2. Machambas de casa e machambas do mato

Todas as explorações não têm sistematicamente machambas de casa como seria de esperar. Essas são as explorações « nativas » que curiosamente são as que podendo frequentemente não têm machambas de casa.

As explorações podem ter muitas machambas do mato, essas são as explorações « nativas » que podem dispor de muitas. Isto não significa que existe um problema de acesso a terra para os « imigrados » : é necessário tempo para derrubar as terras do mato, sobretudo quando há falta de braços (é uma operação indicada como a mais exigente em mão de obra, vezes supra).

*Tabela 20 : Repartição de terras cultivadas entre machambas de casa e do mato*

Agricultura e actividade principal	1		
8 Tipo instalação na aldeia	(Tous)		
Religiao	(Tous)		
6 Tem autorização para cultivar as teras	(Tous)		
NB Numero exploração	Numero machambas de casa		
Numero machambas de mato	0	1	Total
1	3	8	11
2	12	8	20
3	5	5	10
4	2	2	4
Total	22	23	45



Tabela 21 : Repartição de terras cultivadas entre machambas de casa e de mato nas explorações de origem "estrangeira"

Agricultura e actividade principal	1
8 Tipo instalação na aldeia	imigrado
Religiao	(Tous)
6 Tem autorização para cultivar as teras	(Tous)

NB Numero exploração	Numero machambas de casa		
Numero machambas de mato	0	1	Total
1	1	4	5
2	2	5	7
3		3	3
Total	3	12	15

### 7.3. Uma prática reduzida do pousio

O pousio não é praticado que por 50 % da explorações, esta proporção é a mesma para as 2 origens de explorações. As 2 explorações que praticam o pousio sem terem segurança alimentar são explorações "estrangeiras".

Tabela 22 : Uma prática baixa do pousio

Agricultura e actividade principal	1
8 Tipo instalação na aldeia	(Tous)

NB Numero exploração	46 Pratica o pousio		
49 Assegura auto-suficiencia alimentar	0	1	Total
0	5	2	7
1	18	20	38
Total	23	22	45

A duração do pousio é baixa de 3 a 4 anos, em todo caso insuficiente para assegurar uma real reconstituição da fertilidade das terras. Estas são as explorações que chegam a assegurar a auto suficiencia alimentar que indicaram uma duração do pousio muito curto. Se isto se confirma, deveria incitar os outros a encurtar mais a duração do seu pousio.

Tabela 23 : Duração reduzida do pousio

Agricultura e actividade principal	1
8 Tipo instalação na aldeia	(Tous)

Moyenne 46 Duração do pousio	46 Pratica o pousio		
49 Assegura auto-suficiencia alimentar	0	1	Total
0	0,0	3,5	1,0
1	0,0	2,8	1,4
Total	0,0	2,8	1,4

A baixa relativa da prática do pousio pode surpreender enquanto as explorações na maioria não se apercebem da diminuição de terras disponíveis que se espera. A reposição com cultura de terras em pousio longo requiere uma força de trabalho que falta, e, esta pode ser uma explicação do fenómeno observado.

Tabela 24 : percepção mitigada sobre a disponibilidade de terras para a extensão de culturas.

Agricultura e actividade principal	1			
Relação com a Lomaco	(Tous)			

NB Numero exploração	46 Pratica o pousio			
8 Tipo instalação na aldeia	48 Nota diminuição area para extensao ?	0	1	Total
imigrado	0	6	6	12
	1	1	2	3
Somme imigrado		7	8	15
Nativo	0	9	7	16
	1	7	7	14
Somme Nativo		16	14	30
Total		23	22	45

Parecemos fazer face a uma cultura contínua de terras sem adubo (vezes infra) e sem restituição de matéria orgânica. Existe então um riscò de aceleração da baixa de fertilidade de terras que exige a adopção de técnicas culturais compatíveis com a manutenção da fertilidade das terras.

## 8. Sobre a segurança alimentar e a estratégia de produção alimentar

### 8.1. Uma boa taxa de auto-suficiência

Mais de 80% de explorações declaram ter auto suficiência alimentar. Não foi possível cruzar esta declaração com a estimação das produções alimentares pelo facto da imprecisão desta última (vezes infra).

As que não chegam a ter segurança alimentar são os dois tipos de explorações, mesmo se proporcionalmente essas são explorações imigradas que atingiriam pouco menos de (20% contra 13% das explorações a que concernem)

Tabela 25 : Uma autosuficiencia alimentar correntemente esperada

Agricultura e actividade principal	1			
------------------------------------	---	--	--	--

NB Numero exploração	49 Assegura auto-suficiencia alimentar			
8 Tipo instalação na aldeia	0		1	Total
imigrado	3		12	15
Nativo	4		26	30
Total	7		38	45

O apelo a mão de obra exterior para completar a familiar não basta para garantir a autosuficiência alimentar.

Tabela 26 : O recurso à mão-de-obra exterior nem sempre basta para a autosuficiência alimentar

Agricultura e actividade principal	1			
------------------------------------	---	--	--	--

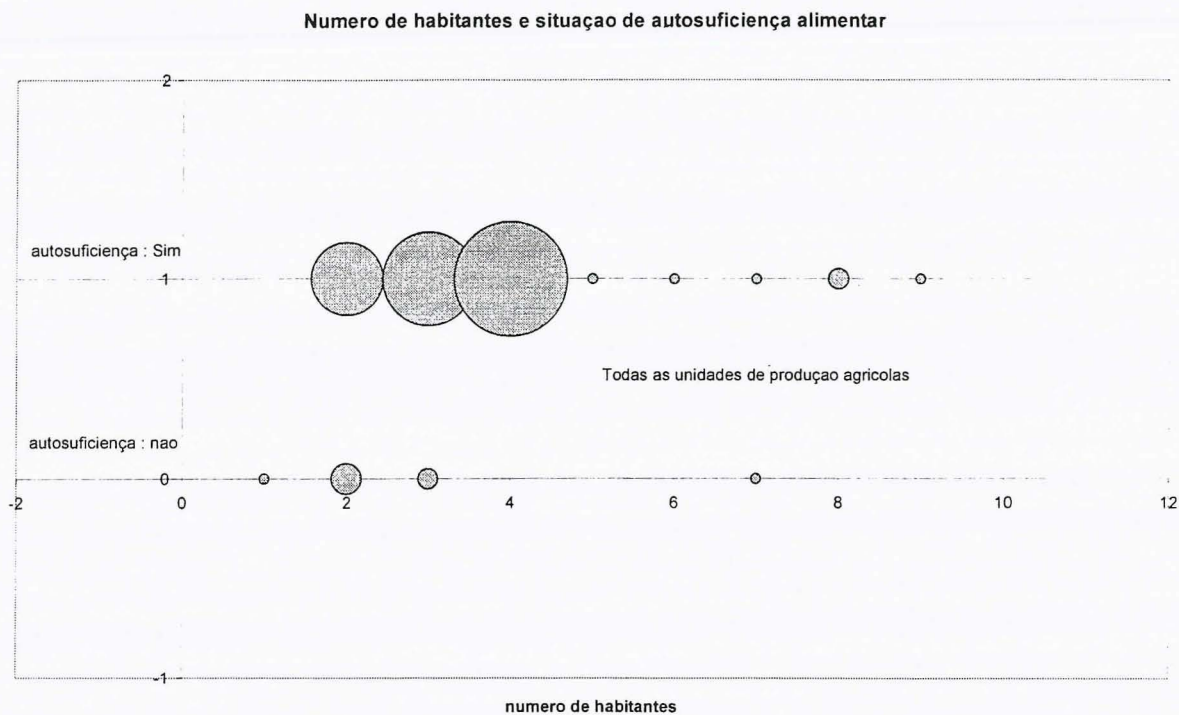
  

NB Numero exploração	49 Assegura auto-suficiencia alimentar			
8 Tipo instalação na aldeia	21 Cultiva alimentares so com familia	0	1	Total
imigrado	0	1	9	10
	1	2	3	5
Somme imigrado		3	12	15
Nativo	0	2	11	13
	1	2	15	17
Somme Nativo		4	26	30
Total		7	38	45



As explorações não autosuficientes sobre o plano alimentar são talvez pouco populosas. Existe também uma exploração populosa, neste caso que faz 0.50 ha de algodão sómente, o que se necessita neste caso é analisar a idade das crianças.

Grafico 4 : Distribuição das explorações em função do seu estado de auto suficiência alimentar



O carácter positivo da situação alimentar não é bem revelado pelo número de celeiros que os camponeses dispõem. A maior parte não dispõem que de um só ( 70% das explorações) mas os celeiros podem ter tamanho muito variável. Por outro lado os camponeses não declaram os suportes de conservação do tipo saco de casca de árvore.

Tabela 27 : Tipos e números de celeiros

Agricultura e actividade principal	1
8 Tipo instalação na aldeia	(Tous)

NB Numero exploração	79 Tipo de celeiro				Total
77 Quantos celeiros tem	fechado	fechado e nao fechado	nao fechado	(vide)	
0					3
1	31			1	32
2	6				6
3	1	2			3
4	1				1
Total	39	2		1	45

**8.2. O rendimento como factor essencial de autosuficiência alimentar**

Para as explorações que conseguem atingir autosuficiencia alimentar, o factor principal é o nível de rendimento atingido, e é para as duas origens de explorações . A diversificação da produção alimentar intervem também um pouco.

O que é notável, é o pouco interesse pela extensão da superfície como a observada noutros países, sem dúvida em relação com a fraqueza do factor trabalho.

Tabela 28 : Os factores tidos como favoráveis à autosuficiência alimentar

Agricultura e actividade principal	1
49 Assegura auto-suficiência alimentar	1

NB Numero exploração	8 Tipo instalação na aldeia		
49 Como produz para auto-suficiência	imigrado	Nativo	Total
areas extensas			1
Bon rendimento	8	19	27
diversificação	4	5	9
outro		1	1
Total	12	26	38

Os « espíritos » ânimos parecem então receptivos a intensificação. O problema reside em fazer praticar com um risco financeiro limitado sob um constrangimento da baixa de mão de obra disponível.

#### Uma primeira percepção positiva da evolução dos rendimentos

As explorações inquiridas fornecem uma percepção de preferência encorajante da evolução dos rendimentos das produções alimentares, só em 10 explorações (22%) notamos uma tendência à diminuição dos rendimentos das produções alimentares.

Tabela 29 : Percepção sobre a evolução dos rendimentos das produções alimentares

Agricultura e actividade principal	1
21 Cultiva alimentares so com familia	(Tous)
49 Assegura auto-suficiência alimentar	(Tous)

NB Numero exploração	8 Tipo instalação na aldeia		
54 Evolução rendimentos culturas alimentar	imigrado	Nativo	Total
Crescem	6	13	19
descrecem	4	6	10
mantem	3	7	10
nao apropriado	1		1
sem resposta		1	1
variavel	1	3	4
Total	15	30	45

Realça-se também que as produções alimentares não foram penalizadas pelo recomeço da produção algodoeira : só 3 explorações (7%) deploram uma baixa de produção.

Tabela 30 : Percepção sobre a evolução das produções alimentares desde o início da prática da cultura do algodão

Agricultura e actividade principal	1
21 Cultiva alimentares so com familia	(Tous)
49 Assegura auto-suficiência alimentar	(Tous)

NB Numero exploração	8 Tipo instalação na aldeia		
52 Evolução produção alimentar depois algodao	imigrado	Nativo	Total
aumentan	5	12	17
diminuim	2	1	3
mantem	5	9	14
nao apropriado	3	5	8
nao faz		3	3
Total	15	30	45

Todavia a evolução é tida como menos favorável nas explorações que deveriam se contentar sómente com a mão de obra familiar.



*Tabela31 : Percepção sobre a evolução dos rendimentos das produções alimentares em função do recurso a mão de obra exterior*

Agricultura e actividade principal	1
8 Tipo instalação na aldeia	(Tous)
49 Assegura auto-suficiencia alimentar	(Tous)

NB Numero exploração	21 Cultiva alimentares so com familia		
54 Evolução rendimentos culturas alimentar	0	1	Total
Crescem	13	6	19
descrescem	3	7	10
mantem	4	6	10
nao apropriado	1		1
sem resposta		1	1
variavel	2	2	4
Total	23	22	45

Os resultados precedentes metem em exergo a exigência no melhoramento da produtividade para melhor garantir ainda a segurança alimentar dos camponeses.

#### **Oferecer seus braços em caso de insuficiencia alimentar**

Em caso de insuficiência alimentar a solução reside essencialmente em trabalhar fora das explorações, para as 2 origens de explorações. O inquérito não permite saber se é necessário trabalho na época fora da época de cultura.

*Tabela 32 : Que fazer em caso de insuficiência alimentar ?*

Agricultura e actividade principal	1
49 Assegura auto-suficiencia alimentar	0

NB Numero exploração	8 Tipo instalação na aldeia		
49 Como faz quando nao tem auto-suficiencia alimentar	imigrado	Nativo	Total
compra		1	1
compra na aldeia	1		1
trabalho fuerte	2	3	5
Total	3	4	7

### **8.3. Uma vontade de manter pelo menos as superficies alimentares**

Muito poucas explorações têm a tendência de diminuir as superficies destinadas as produções alimentares: São sómente certas explorações de origem « estrangeira » que asseguram a autosuficiência alimentar e que recorrem a mão de obra exterior.

Curiosamente, as explorações que não atingem a autosuficiência alimentar não aumentam sistematicamente as superficies destinadas as produções alimentares. Isso é muito perceptível nas explorações de origem « estrangeira » : será haver um comportamento de tomada de risco muito importante ?

Ao oposto as explorações que atingem a autosuficiência alimentar aumentam frequentemente as superficies correspondentes, isto pode denotar muito bem uma grande preocupação pela segurança alimentar que o uso de troca de excedentes por trabalho ou dinheiro (ou nada). Aumentar a produtividade das culturas alimentares poderia então ajudar ao mesmo tempo a segurança alimentar, reduzir a pobreza e a reduzir a pressão sobre a terra.

*Tabela 33 : Uma vontade de aumentar as superficies com culturas alimentares*

Agricultura e actividade principal	1
------------------------------------	---

NB Numero exploração		20 Evolução areas culturas alimentares			
8 Tipo instalação na aldeia	49 Assegura auto-suficiencia alimentar	Aumentan	diminuiem	nao alteram	Total
imigrado	0	1		2	3
	1	4	2	6	12
Somme imigrado		5	2	8	15
Nativo	0	3		1	4
	1	16		10	26
Somme Nativo		19		11	30
Total		24	2	19	45

A manutenção ou o aumento das superficies de produção alimentar concerne bem as explorações que fazem apelo a mão de obra ou não.

*Tabela 34 : Evolução de superficies com culturas alimentares em função do recurso a mão de obra exterior*

Agricultura e actividade principal	1
8 Tipo instalação na aldeia	(Tous)
49 Assegura auto-suficiencia alimentar	(Tous)

NB Numero exploração		21 Cultiva alimentares so com familia	
20 Evolução areas culturas alimentares			Total
Aumentan	13	11	24
diminuiem	2		2
nao alteram	8	11	19
Total	23	22	45

#### **8.4. Sobre a situação de excedentes alimentares**

##### **Uma situação favorável**

Uma boa parte das explorações inquiridas declararam estar em situação de excedentes (cerca de 80%), e não há diferença entre as duas origens de explorações.

*Tabela 35 : repartição das explorações em função da situação de excedentes alimentares.*

Agricultura e actividade principal	1
8 Tipo instalação na aldeia	(Tous)

NB Numero exploração		50 Tem excedentes agricolas	
49 Assegura auto-suficiencia alimentar			Total
0	7		7
1	3	35	38
Total	10	35	45

##### **Uma percepção favorável sobre a evolução de excedentes**

Melhor ainda, as explorações têm de maneira global, uma percepção positiva da evolução dos excedentes alimentares que os parece fazer crer nos últimos anos.



Tabela 36 : Uma percepção geralmente muito favorável sobre a evolução dos excedentes alimentares

Agricultura e actividade principal	1
49 Assegura auto-suficiencia alimentar (Tous)	

NB Numero exploração	8 Tipo instalação na aldeia		
51 Evolução excedentes	imigrado	Nativo	Total
crecem	10	13	23
Decrescem	2	6	8
Mantem	1	7	8
nao apropriado	1		1
Variavel	1	4	5
Total	15	30	45

Bem entendida, esta percepção está a variar com as explorações que não conseguem a autosuficiência alimentar . Para estas a situação não lhes parece melhorar o que deixa pensar que os factores estruturais os penalisa e que resta ainda a elucidar.

Tabela 37 : Uma percepção de excedentes alimentares menos favoráveis nas explorações não autosuficientes

Agricultura e actividade principal	1
49 Assegura auto-suficiencia alimentar	0

NB Numero exploração	8 Tipo instalação na aldeia		
51 Evolução excedentes	imigrado	Nativo	Total
Decrescem	1	3	4
Mantem	1		1
nao apropriado	1		1
Variavel		1	1
Total	3	4	7

Tabela 38 : Evolução de excedentes em função do número de crianças

Agricultura e actividade principal	1
49 Assegura auto-suficiencia alimentar	1
50 Tem excedentes agricolas	1

NB Numero exploração	51 Evolução excedentes				
Numero crianças	crecem	Decrescem	Mantem	Variavel	Total
0	5	1	1	1	8
1	10			1	12
2	3	2			5
3	2			3	7
4				1	1
5	1				1
6	1				1
Total	22	3		6	35

### Um Uso de troca predominante de excedentes

O questionário do inquérito não permite classificar os diferentes usos dos excedentes. O inquérito não foi muito suficientemente preciso para a introdução das diferentes formas de uso. Estas são os melhoramentos introduzidos no inquérito 2000.

Sobressai um uso importante para a troca pelo trabalho, para a venda, mas também para a troca com outros produtos. O uso para aumentar o consumo é pouco representado.



Tabela 39 : os modos de utilização dos excedentes alimentares

**1o destino dos excedentes CompteDeNome Jefe**

consumo	1
troca por produtos	1
troca por trabalho	9
venda	26

**2o destino dos excedentes CompteDeNome Jefe**

consumo	2
nao apropriado	5
troca por produtos	6
troca por trabalho	24

**3o destino dos excedentes CompteDeNome Jefe**

consumo	3
nao apropriado	17
troca por produtos	16
venda	1

**4o destino dos excedentes CompteDeNome Jefe**

nao apropriado	36
venda	1

## 9. Sobre a produção do algodoeiro

### 9.1. Uma boa adesão ao algodão

Sobre uma amostra de 48 explorações inquiridas, 40 explorações declararam fazer algodão (com uma exploração cuja actividade principal não é a agricultura). Isto marca uma adesão forte à produção algodoeira que sobe essencialmente desde os anos 90.

Tabela 40 : Evolução das superfícies consagradas à cultura do algodão

Agricultura e actividade principal	1
8 Tipo instalação na aldeia	(Tous)

NB Numero exploração	18 Evolução areas algodao				
Quanto tempo faz algodao	Aumentan	Diminuiem	Nao alteram	nao apropriado variavel	Total
Depois independencia	2				2
Desde 1996	3		8	6	17
Entre 1992-96	11	2	3	1	17
Sempre	2		1		3
Total	18	2	12	6	39

As explorações manifestam uma tendência ao aumento de superfícies algodoeiras, mesmo nas explorações não tendo atingido autosuficiência alimentar ou aquelas que cultivam unicamente com a mão de obra familiar.

É claro que esta tendência é perturbada pelas dificuldades recentes da Lomaco (comercialização e pagamento tardio do algodão produzido pelos camponeses).

Tabela 41 : Evolução das superfícies algodoeiras em função do recurso a mão de obra exterior

Agricultura e actividade principal	1
49 Assegura auto-suficiência alimentar	(Tous)
8 Tipo instalação na aldeia	(Tous)

NB Numero exploração	18 Evolução areas algodao						
19 Cultiva algodao so com familia	Aumentan	Diminuiem	Nao alteram	nao apropriado	variavel		Total
0	11	2	2	3	1		19
1	7		10	3			20
Total	18	2	12	6	1		39

## 9.2. Uma percepção de uma evolução mitigada das receitas do algodão

A percepção da evolução das receitas monetárias provenientes do algodão não é também favorável, cerca de 20% das explorações queixam-se de uma baixa nas receitas.

Tabela 42 : Percepção sobre a evolução da rentabilidade da cultura algodoeira

Agricultura e actividade principal	1
8 Tipo instalação na aldeia	(Tous)

NB Numero exploração	53 Evolução rendimento monetario do algodao					
Quanto tempo faz algodao	Crescem	Descrescem	Mantem	nao apropriado		Total
Depois independencia		2				2
Desde 1996		3	2	4	8	17
Entre 1992-96		8	5	3	1	17
Sempre		2		1		3
Total		15	7	8	9	39

Muitas explorações viram as receitas sómente mantidas ou diminuídas depois do aumento das superfícies algodoeiras. Uma melhor formação/informação sobre a gestão dos planos da campanha em relação com os constrangimentos de mão de obra se mostra necessário.

Tabela 43 : Uma indicação da relação negativa entre superfície e evolução da rentabilidade da produção algodoeira

Agricultura e actividade principal	1
8 Tipo instalação na aldeia	(Tous)
19 Cultiva algodao so com fami	(Tous)

NB Numero exploração	53 Evolução rendimento monetario do algodao					
18 Evolução areas algodao	Crescem	Descrescem	Mantem	nao apropriado		Total
Aumentan	8		5	5		18
Diminuiem	2					2
Nao alteram	4		2	4	3	13
Nao apropriado nao faz					6	6
variavel	1				5	5
Total	15	7	9	14		45

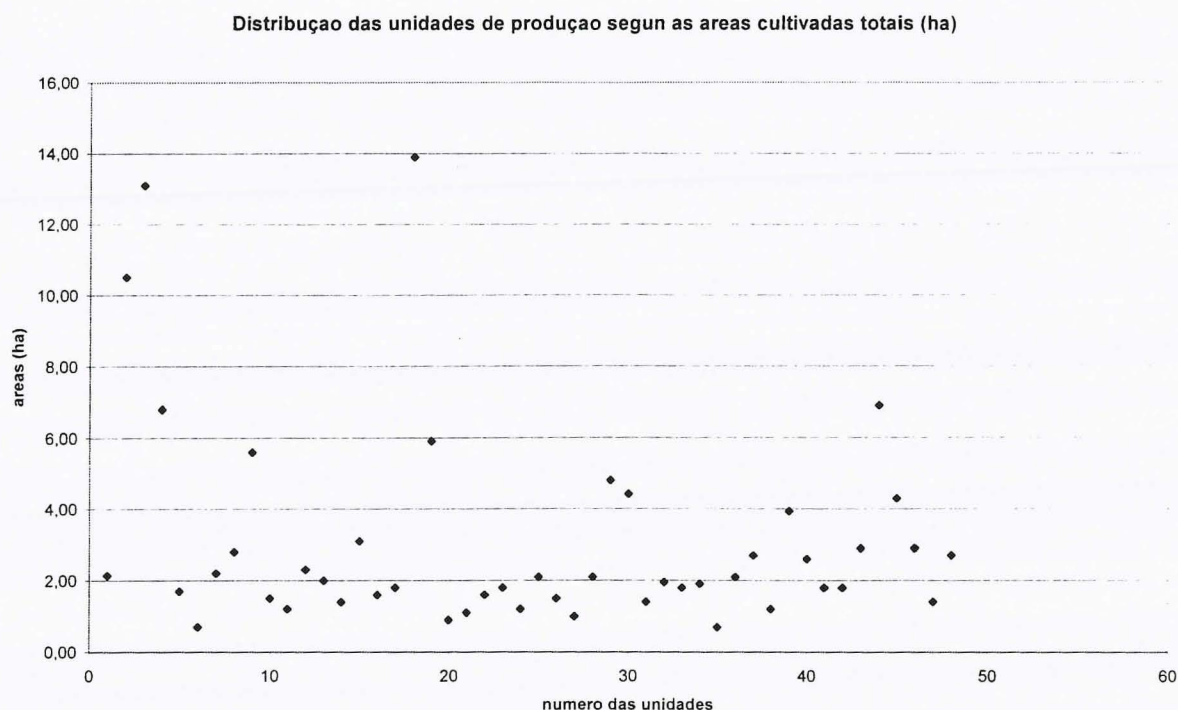
## 10. Análise dos sistemas de culturas

### 10.1. Pequenas explorações pela superfície cultivada

2/3 de explorações cultivando menos de 3 ha de terra, sendo uma grande parte com 1-2 ha de terra.

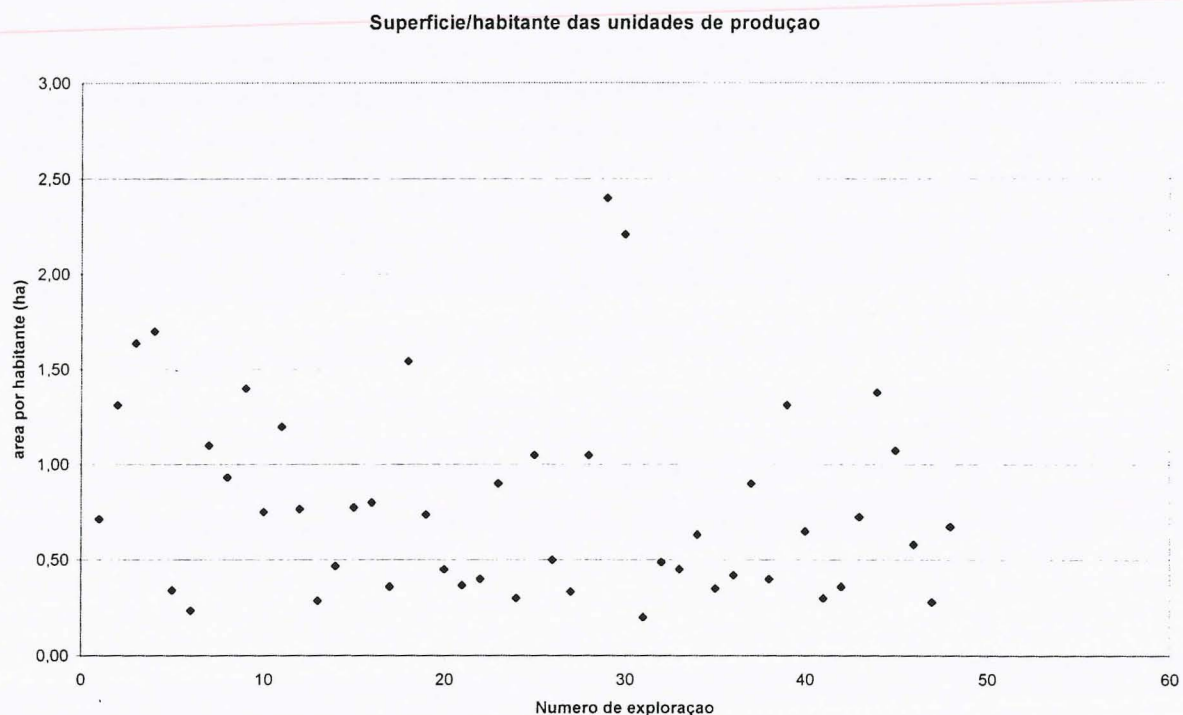


Gráfico 5 : Distribuição das explorações em função da superfície de terras cultivadas



A superfície cultivada por habitante é geralmente inferior a 1.5 ha/habitant, o mais frequente está entre 0.5 a 1 ha/habitant , e mesmo uma boa parte têm menos de 0.5 ha/habitant. O máximo observado é de 2-2.5 ha/habitant.

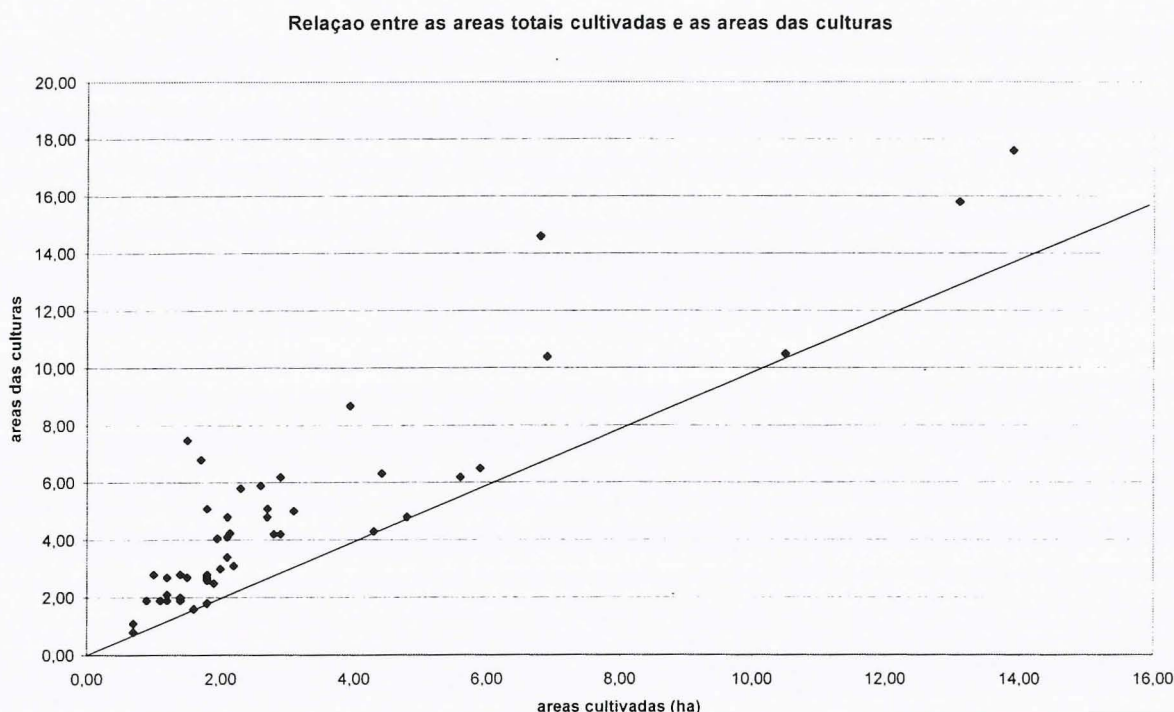
Gráfico 6 :Distribuição das explorações em função da superfície de terra cultivada por habitante



## 10.2. Uma utilização intensiva das terras pela prática da consociação

A prática da consociação de culturas conduz a contabilizar superfícies que ultrapassam as superfícies de terras cultivadas. As superfícies de culturas se encontram então compreendido entre 2-6 ha para a maior parte das explorações.

Gráfico 7 : Distribuição das explorações em função da superfície cultivada e da superfície das culturas



## 10.3. Lugar das culturas

### As consociações e as culturas

No inquérito não houve uma definição muito precisa da consociação (que tivesse conta por exemplo de uma densidade mínima de culturas), o que resulta uma imagem prática da consociação de culturas que é talvez sobrestimada. De maneira geral numa exploração, uma cultura em consociação não é feita em puro e inversamente, mesmo se existe qualquer caso de coexistência, sobretudo nos casos do milho.

Os sistemas de culturas muito diversificados

Entre as produções alimentares, só o milho é praticado quase em todas as explorações (39 explorações sobre 45), é cultivado em consociação ou não. O arroz é principalmente cultivado em puro. Todas as outras culturas são essencialmente cultivadas em consociação. Entre os cereais a mexoeira é muito pouco frequente. A mapira está presente mas não tanto.

A cultura de leguminosas é muito frequente mesmo se há explorações que não o fazem. Há também um lugar importante das feculentas como a mandioca, praticada essencialmente em cultura associada.

O gergelim é uma cultura comercial que começaria a interessar os camponeses mas esta realça-se pouco no inquérito.

O algodão é praticado por 85% das explorações inquiridas, e é cultivado em puro. A indicação de 2 casos de consociação é sem dúvida para combinar pela densidade provavelmente muito baixa de plantas de outra espécie.



Tabela 44 :As espécies cultivadas e o modo de cultura.

NB Numero exploração	Tem associação ?		
Cultura	0	1	Total
algodao	40	2	42
Amendoin	2	24	26
ervilha		23	23
mandioca	2	36	38
feijao nhemba	9	8	17
mapira	9	10	19
feijao jugo	2	8	10
mexoeira		3	3
milho	16	34	50
Gergelim		2	2
arroz	8	1	9
Total	88	151	239

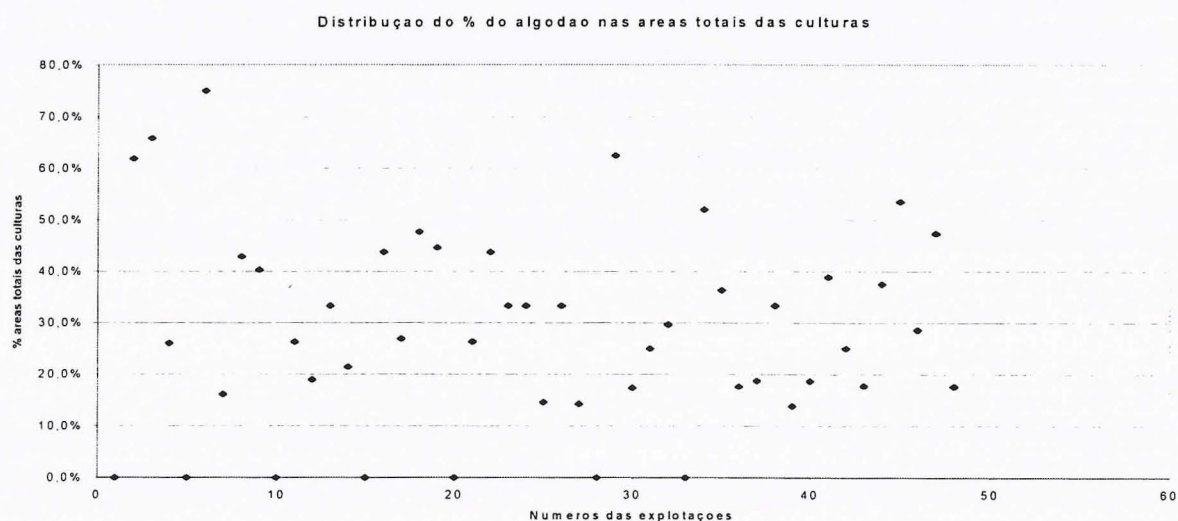
Apesar do interesse que os camponeses chegaram a acordo, o aumento da produção de cereais deveria se fundar sobre o milho e arroz, e sobre o amendoim no caso das leguminosas.

### Lugar variável do algodão

A prática da consociação torna muito delicada o cálculo da parte dos rendimentos das culturas no afolhamento. Nós vamos reportar esta parte em função da superfície das culturas e não da superfície das terras cultivadas.

O algodão nas explorações que o produzem concerne 15 a 45% da superfície das culturas, com casos com parte muito importante. Apesar da retomada da produção do algodão toda soma recente da produção algodoeira incita a um indicador de uma forte adesão ao algodão

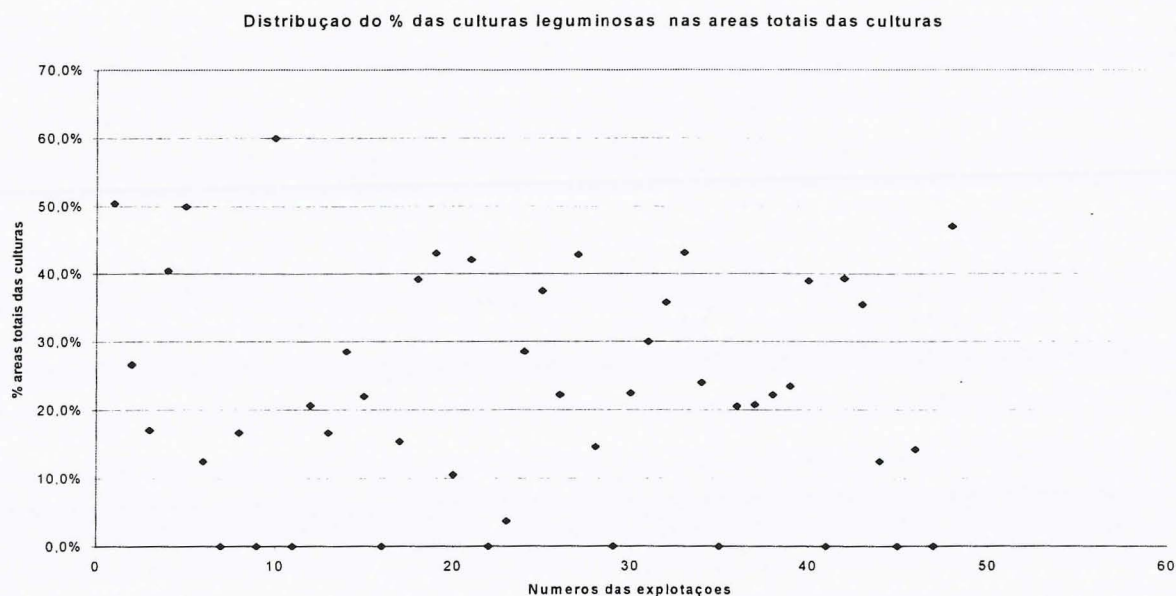
Gráfico 8 : Parte do algodão na superfície total das culturas



### As leguminosas

A parte das leguminosas nas superfícies em cultura é da mesma ordem que para o algodão. É muito surpreendente constatar um número não negligenciável de explorações que não cultivam.

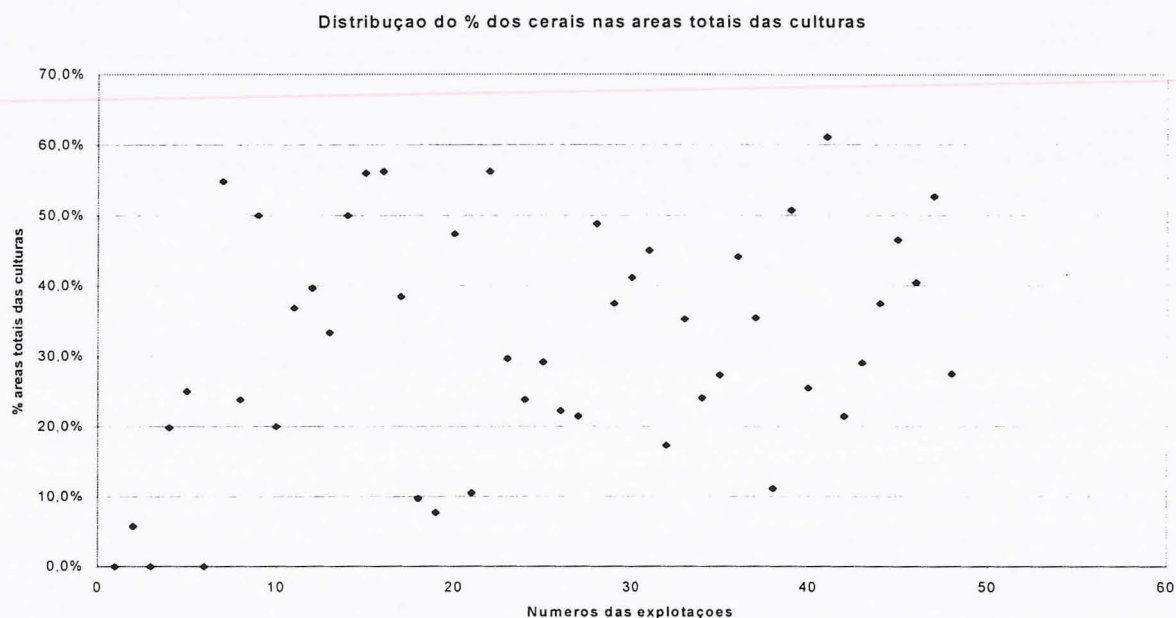
Gráfico 9 : Parte das leguminosas na superfície total das culturas



### Os cereais

A parte dos cereais é de 20 a 55% da superfície com culturas. Existe um número não negligenciável de explorações que não cultivam cereais (8 sobre 45) sem dúvida em relação com a cultura da mandioca como fonte de glucidos.

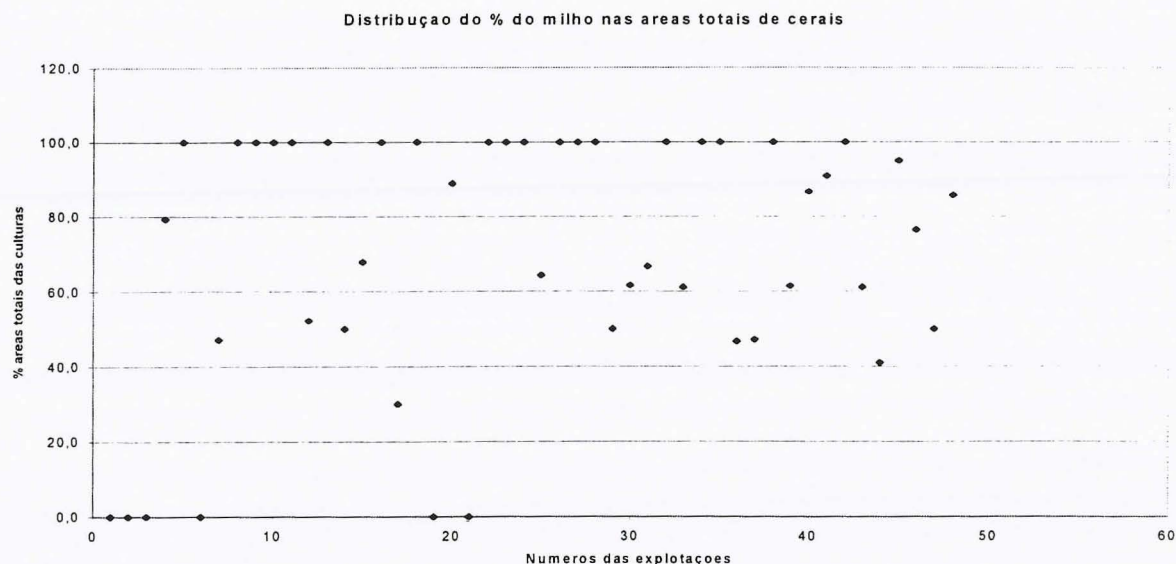
Gráfico 10 : Parte dos cereais na superfície total das culturas



O milho tem um lugar importante na produção de cereais. É o único cereal cultivado em cerca de 45% das explorações. De maneira global, nas explorações que cultivam o milho, este cereal representa pelo menos 40% da superfície total dos cereais.



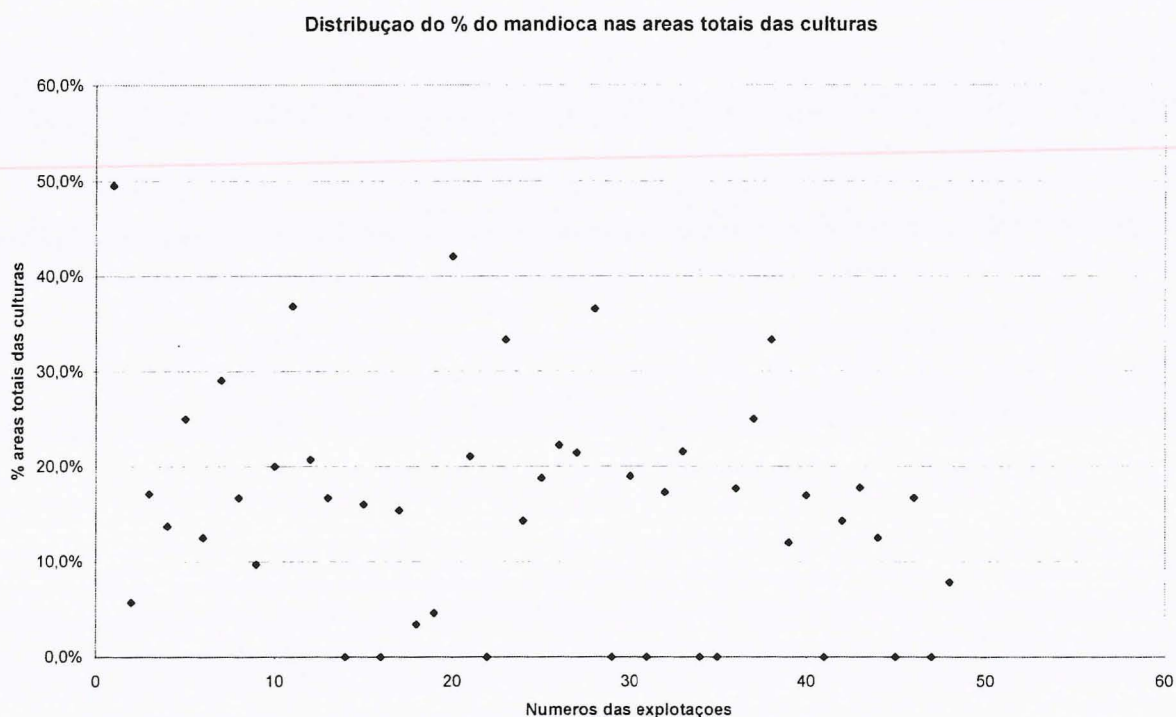
Gráfico 11 : Parte do milho na superfície total de cereais



### Lugar da mandioca

A mandioca é vulgarmente cultivado ainda que não em todas as explorações (mais de 20% de explorações não cultivam), e representa de 10 a 25% da superfície de culturas.

Gráfico 12 : Parte da mandioca na superfície total das culturas



### 10.4. Uma intensificação mínima

Os dados tratados figuram em anexo. Eles mostram que o adubo não é utilizado em nenhuma cultura. O insecticida é utilizado unicamente sobre o algodão, e, existem camponeses que declaram nunca ter utilizado. Não há mais utilização de sementes melhoradas de milho na obstante a importancia desta cultura.

A prática de sementeira em linha é muito frequente, ainda que não generalizado sobre o milho. Sobre as outras culturas, esta prática é observada sómente em 50% das explorações. Na ausência da sacha mecânica por falta de equipamento, ou tratamento fitossanitário, podemos compreender a baixa adopção da sementeira em linha.

### 10.5. Os resultados da produção

O inquérito fornece bastante pouca informação para compreender os resultados da produção obtida, pelo facto dos meios mobilizados que não permitiram aprender as práticas culturais dos camponeses. O nível limitado dos enquadradores, assim como os meios a aprontar não permitem visar racionalmente uma grande ambição no conhecimento das práticas camponesas contrariamente ao que estava previsto no início do projecto Lomaco.

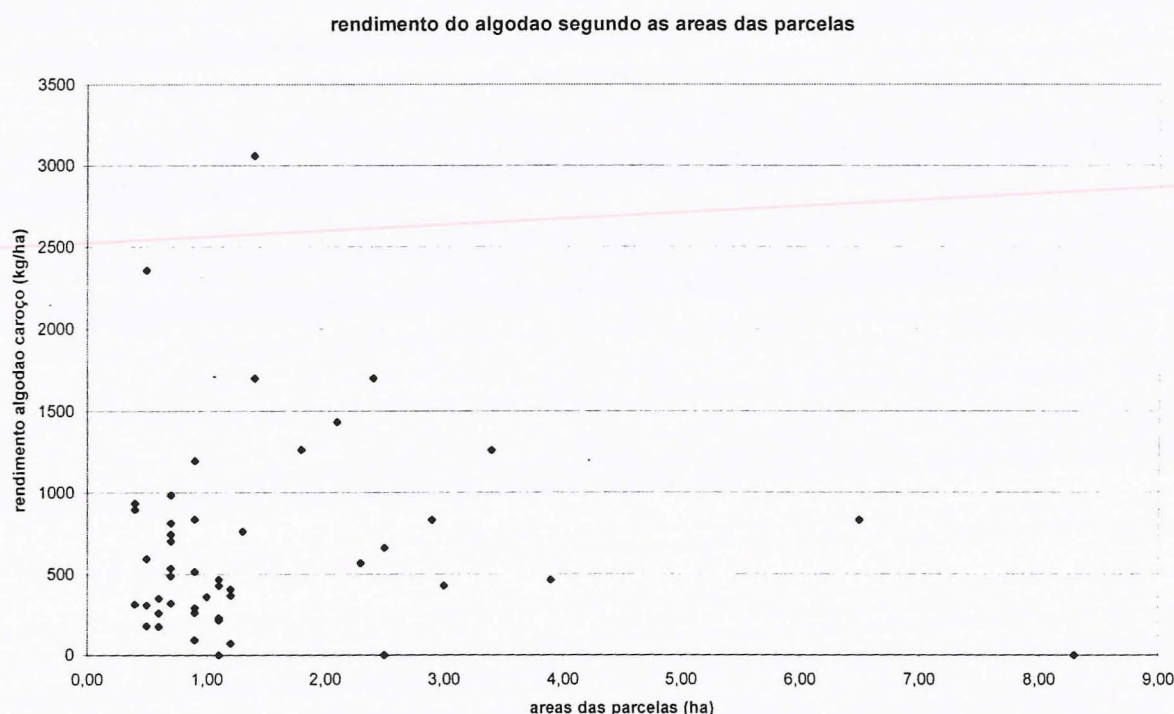
#### Resultado do algodão

##### Resultados técnicos

A distribuição do rendimento do algodão caroço é feita pelas explorações que o cultivam e não pelas parcelas algodoeiras (as produções de diversas parcelas na mesma exploração foram reagrupadas na pesagem).

A maior parte das explorações têm um rendimento inferior a 1000 kg/ha, com mesmo um número importante de entre eles com menos de 500 kg/ha. Existem rendimentos nulos, mesmo em grandes parcelas que os camponeses abandonam no decurso da campanha.

Gráfico 13 : Distribuição das explorações em função do rendimento em algodão caroço



Podemos revelar uma tendência à baixa de rendimentos quando as explorações se engajam sobre superfícies muito grandes de algodão acima das capacidades de intervenção dos camponeses para conduzir bem a cultura.



Gráfico 14 : Distribuição de rendimentos de algodão caroço nas explorações com mais de 1,5 ha de algodão

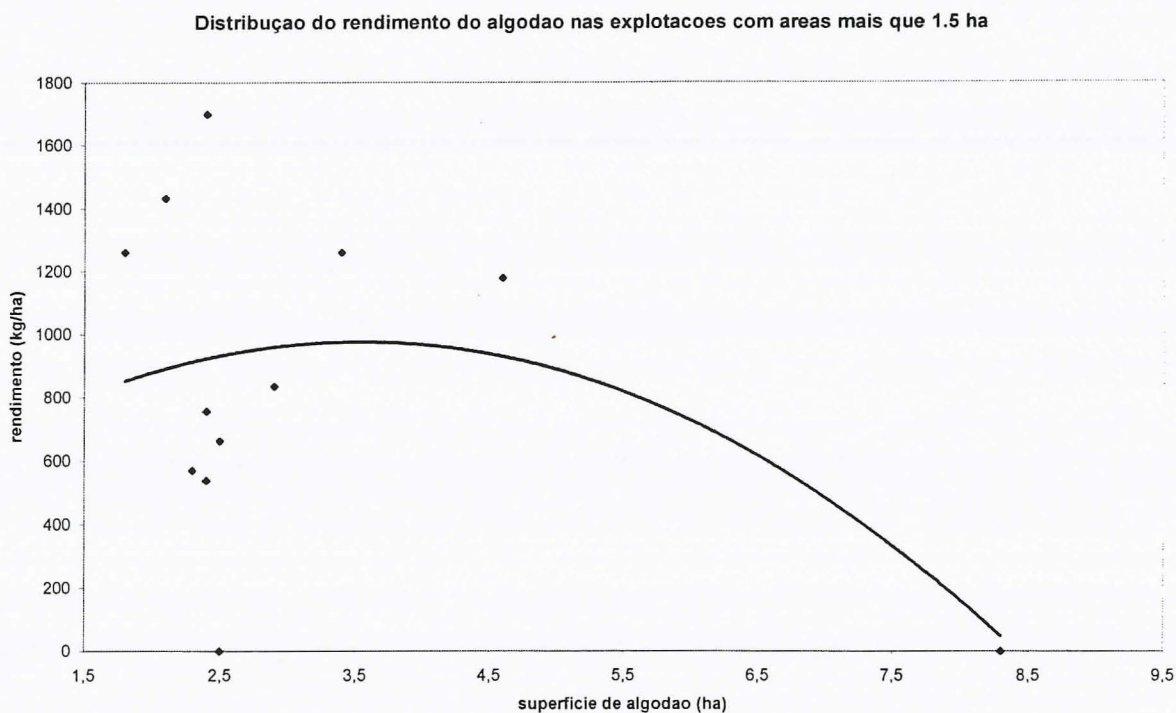
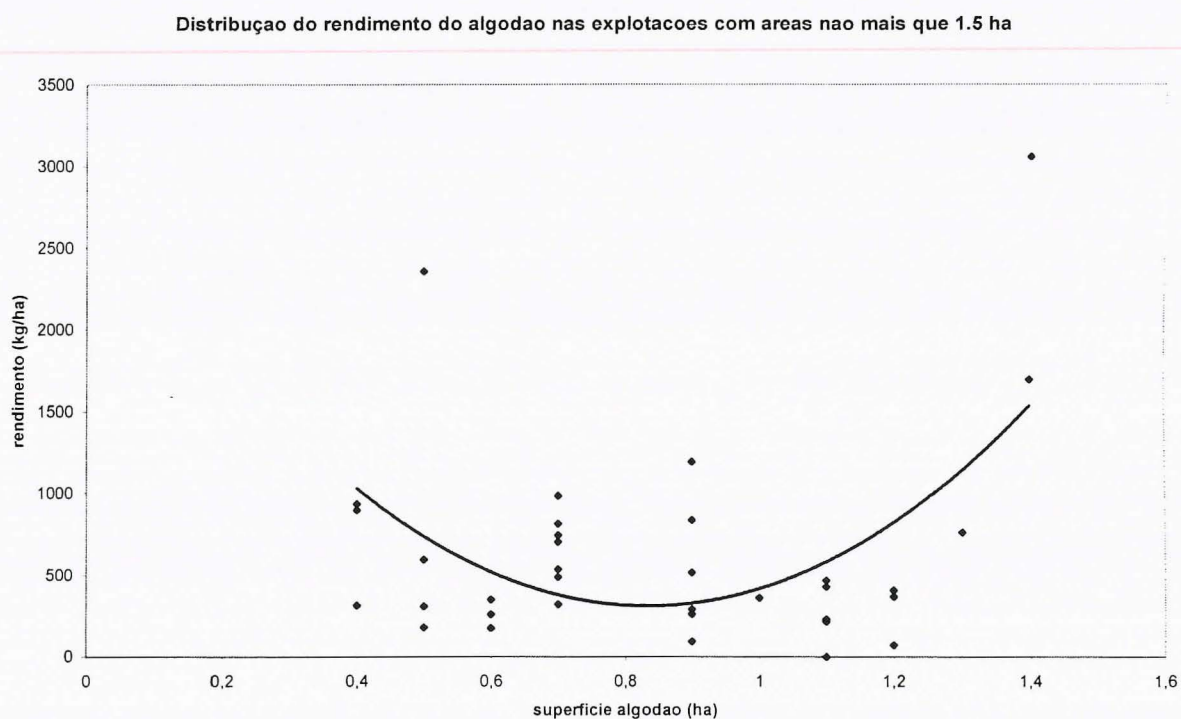


Gráfico 15 : Distribuição do rendimento do algodão caroço nas explorações com menos de 1,5 ha de algodão



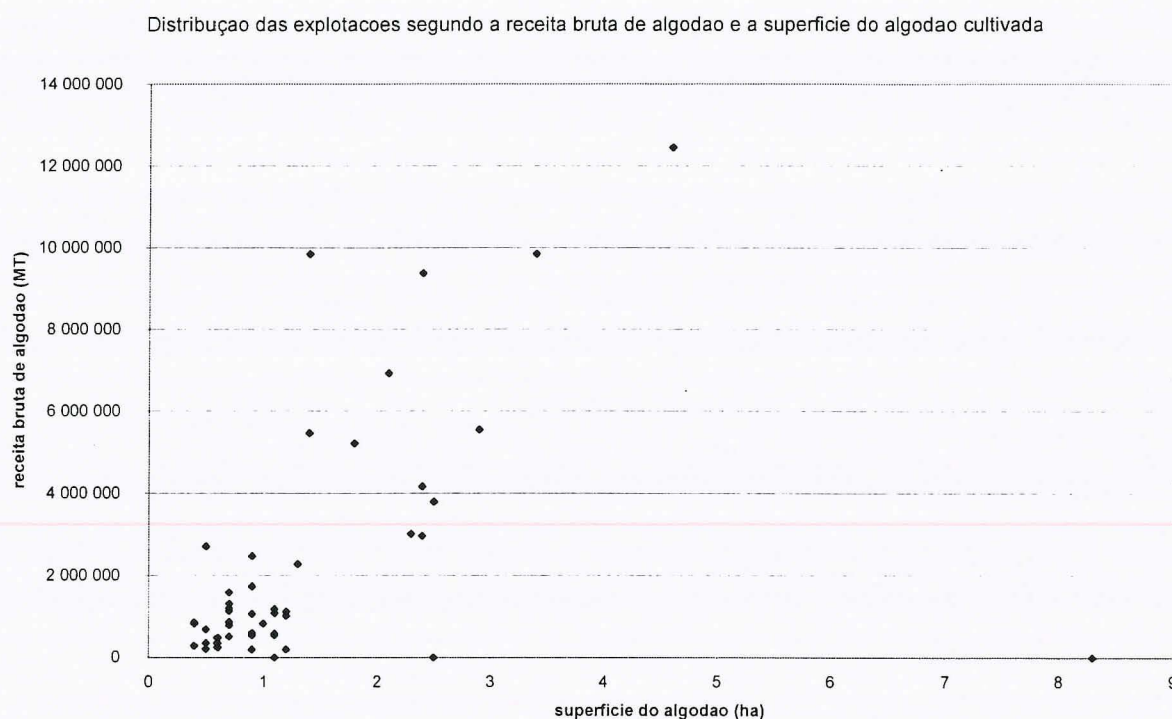
Esta tendência confirma a necessidade de uma sensibilização aos camponeses para decidir planos de campanhas em compatibilidade com os seus meios de trabalho.

## Resultados económicos

O inquérito não pode revelar as quantidades de insecticida utilizado (único insumo monetário necessário), e, não é então possível determinar o valor acrescentado na produção algodoeira. A título indicativo com uma média de 3.5 tratamentos insecticidas por um custo de 60.000 MT/tratamento, o custo da protecção fitossanitária é avaliado a 210.000 MT/ha. É provável que este custo não foi hipotecado ou sómente parcialmente, nas explorações que abandonaram as parcelas do algodão.

A receita bruta da produção algodoeira é variável em função das explorações pelo facto da variação nas superfícies consagradas ao algodão. A maior parte das explorações têm uma receita bruta de menos de 2.000.000,00 MT para superfícies inferiores a 1.2 ha de algodão. O gráfico mostra que certas explorações retiram receitas brutas de 4 a 10 milhões de meticais.

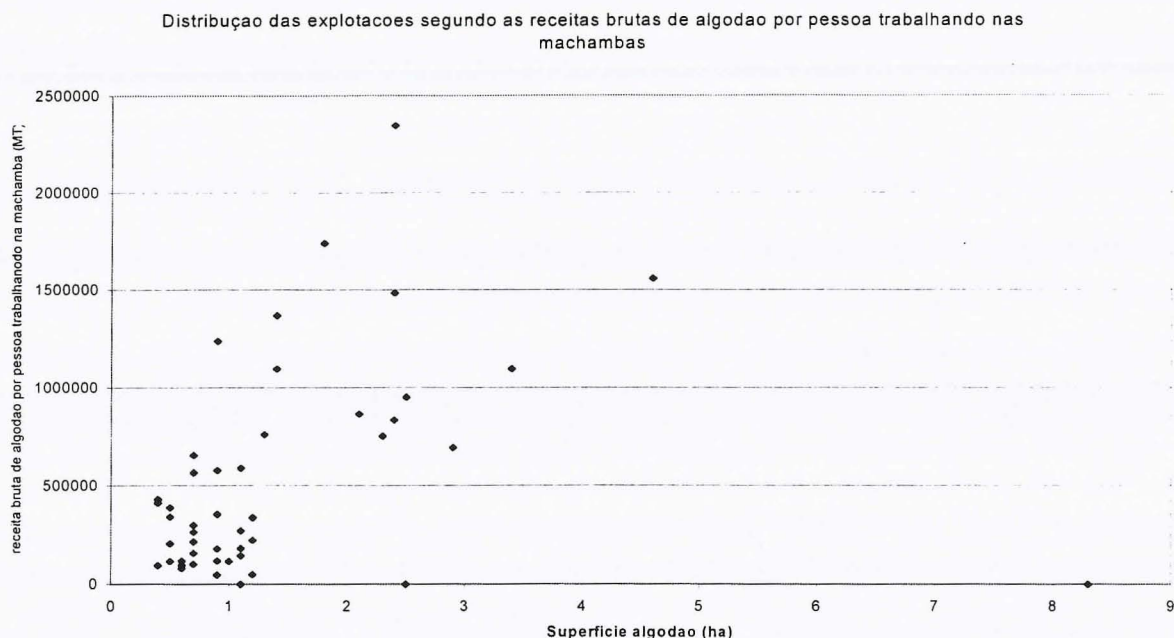
Gráfico 16 : Distribuição das explorações em função da receita bruta total proveniente da cultura do algodão



Em termos de receita bruta por pessoa trabalhando no campo, cerca de 50% das explorações têm menos de 500.000,00 Mt/pessoa (ou 31 US \$/pessoa a taxa de 16000 MT/\$). O aumento da superfície algodoeira permite uma receita bruta/trabalhador de 60 – 120 \$. A título de referência a receita média em Moçambique é estimado em 170 \$/pessoa 1999.



Gráfico 17 : Distribuição das explorações em função da receita por pessoa trabalhando no campo proveniente da cultura do algodão.



### Resultado da produção de cereais

Os rendimentos sobre estimados

A estimação dos rendimentos dos cereais dão resultados que nos parecem sobrestimados, sobretudo quando se trata de produção em consociação. A sobrestimação pode provir do baixo tamanho das parcelas de medição de rendimentos e em número pequeno, ou da delimitação não aleatória das áreas de medição, e ainda do nível de humidade do grão muito elevado.

Os resultados obtidos são então sómente indicativos sobre a distribuição dos rendimentos, mas não pelo seu nível.

Gráfico 18 : Distribuição dos rendimentos do milho em grão

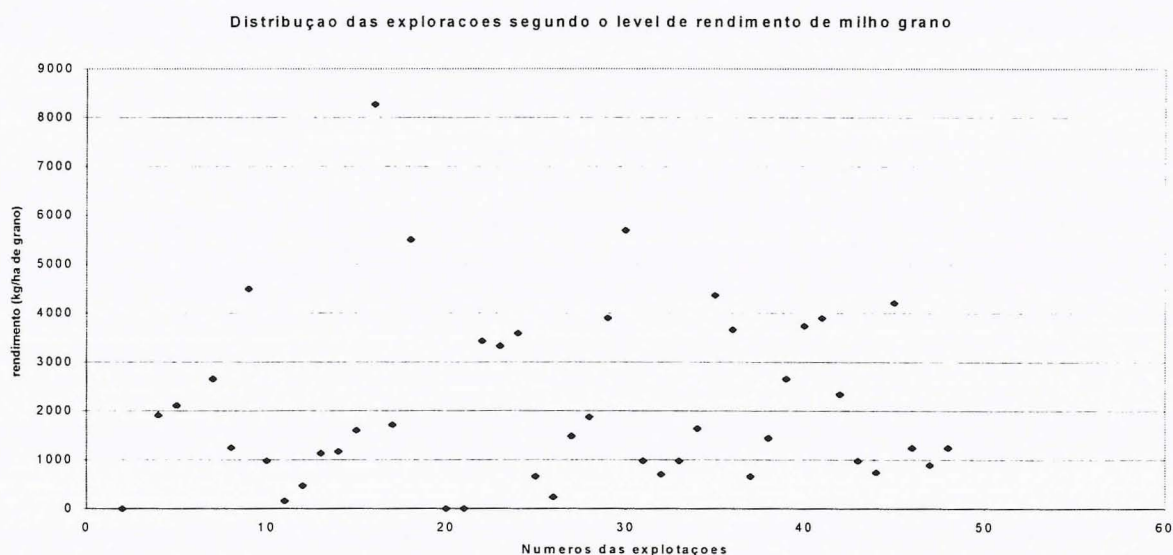


Gráfico 19 : Distribuição dos rendimentos da mapira em grão

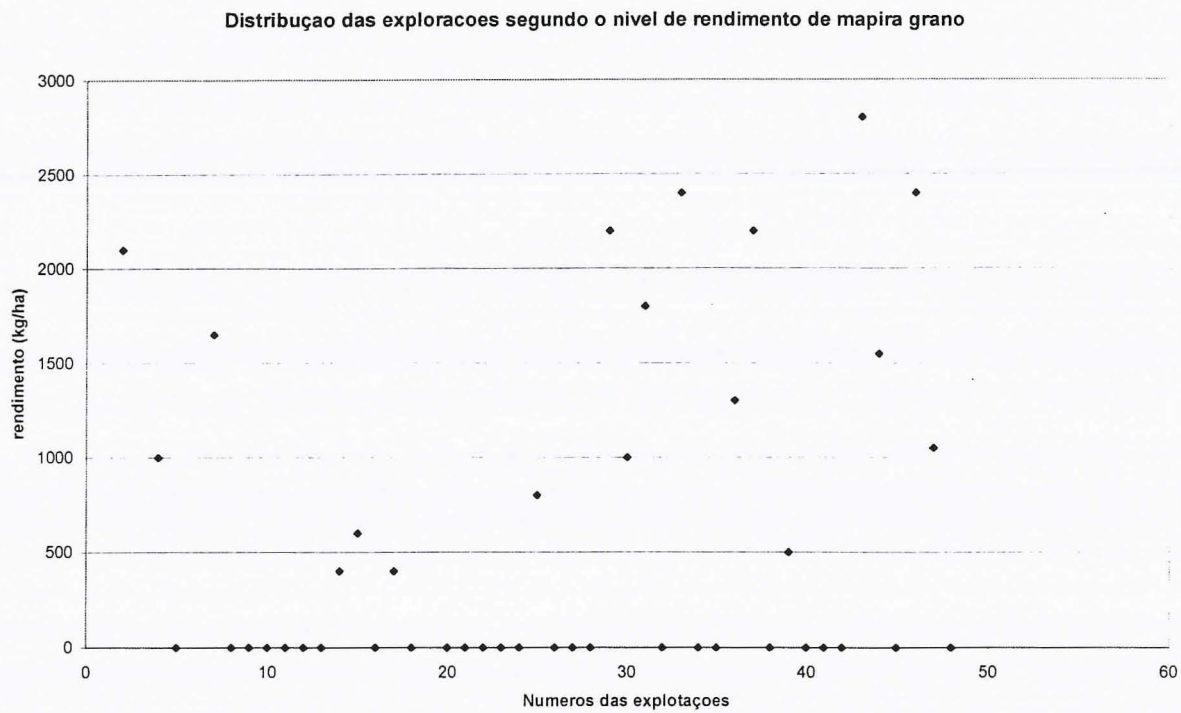


Gráfico 20 : Distribuição dos rendimentos da mexoeira

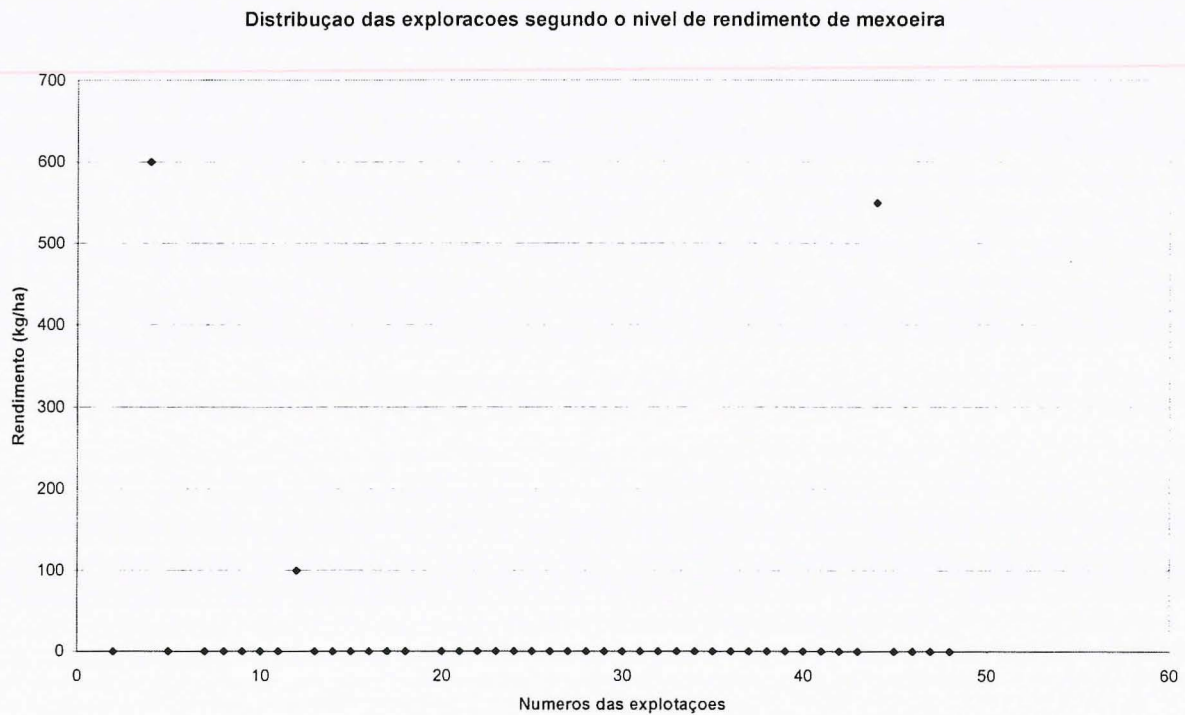
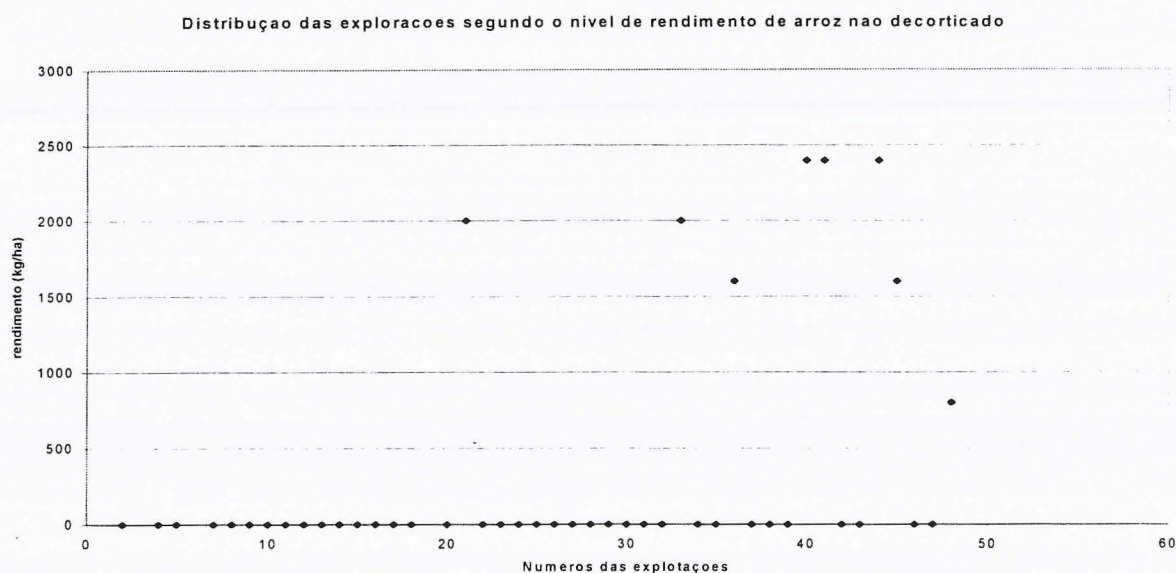




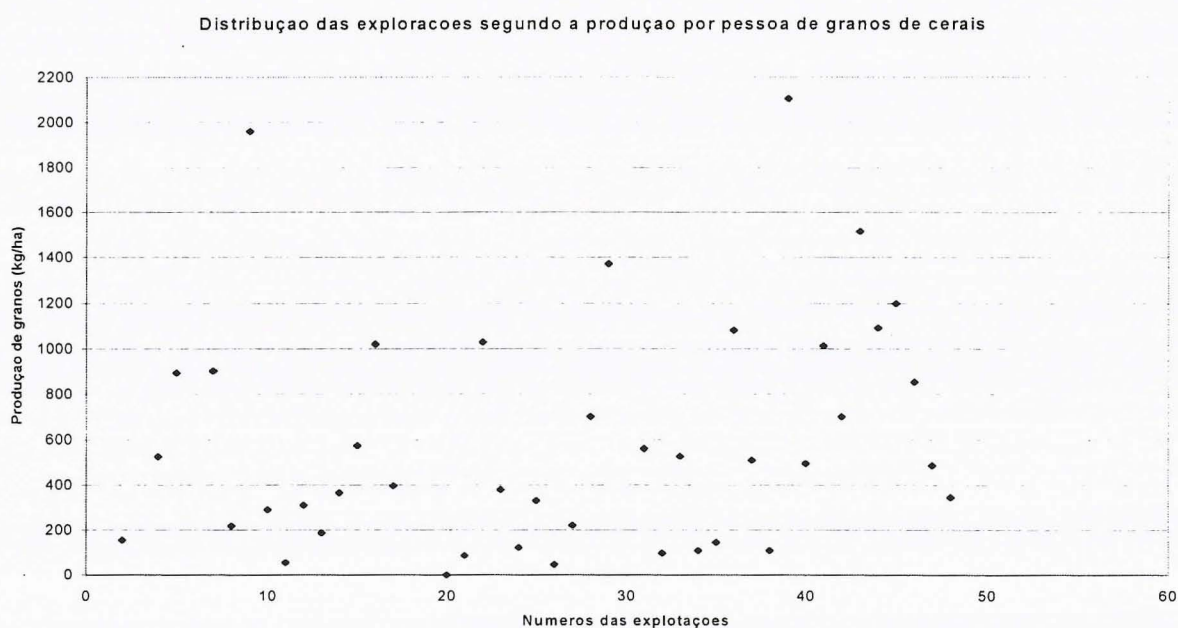
Gráfico 21 : Distribuição dos rendimentos de arroz decortinado



Uma confirmação de uma cobertura satisfatória das necessidades em cereais.

A determinação das quantidades de cereal produzido é claro, falso pela subestimação dos rendimentos. O gráfico seguinte dá uma distribuição de produções de cereal por pessoa nas 45 explorações. A título indicativo nos países em desenvolvimento o consumo assente essencialmente sobre os cereais ( o que não é o caso de Moçambique), estima-se que é necessário 200-250 kg de grão de cereais por pessoa. O gráfico realizado mostra que mesmo se consideramos que os rendimentos foram sobrestimados em 100%, um grande número de explorações ultrapassou o limite de autosuficiência cerealífera (os pontos acima de 400 kg/ha).

Gráfico 22 : Distribuição das explorações em função do disponível por pessoa em grão de cereal



## 11. Anexo

### 11.1. Utilização dos insumos

Agricultura e actividade principal	1
------------------------------------	---

NB Numero exploração	72 Adubo para cultivar algodao ?		
8 Tipo instalação na aldeia	0	1	Total
imigrado	14	1	15
Nativo	30		30
Total	44	1	45

Agricultura e actividade principal	1
------------------------------------	---

NB Numero exploração	72 Adubo para cultivar milho		
8 Tipo instalação na aldeia	0	1	Total
imigrado	14	1	15
Nativo	30		30
Total	44	1	45

Agricultura e actividade principal	1
------------------------------------	---

NB Numero exploração	72 Adubo para outras culturas		
8 Tipo instalação na aldeia	0		Total
imigrado	15		15
Nativo	30		30
Total	45		45

Agricultura e actividade principal	1
------------------------------------	---

NB Numero exploração	74 Sementeira em linha para milho		
8 Tipo instalação na aldeia	0	1	Total
imigrado	4	11	15
Nativo	10	20	30
Total	14	31	45

Agricultura e actividade principal	1
------------------------------------	---

NB Numero exploração	74 Sementeira em linha para outra cultura		
8 Tipo instalação na aldeia	0	1	Total
imigrado	10	5	15
Nativo	14	16	30
Total	24	21	45

Agricultura e actividade principal	1
------------------------------------	---

NB Numero exploração	73 Insecticidas para cultivar algodao		
8 Tipo instalação na aldeia	0	1	Total
imigrado	1	14	15
Nativo	4	26	30
Total	5	40	45

Agricultura e actividade principal	1
------------------------------------	---

NB Numero exploração	73 Insecticidas para cultivar feijao		
8 Tipo instalação na aldeia	0	1	Total
imigrado	14	1	15
Nativo	30		30
Total	44	1	45

Agricultura e actividade principal	1
------------------------------------	---

NB Numero exploração	71 sementes melhoradas para cultivar milho		
8 Tipo instalação na aldeia	0		Total
imigrado	15		15
Nativo	30		30
Total	45		45



## 12. Lista de tabelas

Tabela 1 : A repartição das explorações em função da sua origem, da etnia e da religião dos chefes de exploração .....	4
Tabela 2 : Dados gerais sobre a demografia das explorações .....	5
Tabela 3 : População média por exploração .....	5
Tabela 4 : Os factores da baixa em mão de obra familiar .....	7
Tabela 5 : Percepção variável do fenómeno do exodo rural .....	7
Tabela 6 : O recurso a mão de obra exterior na produção algodoeira e alimentar .....	8
Tabela 7 : Contratação de mão de obra exterior para a produção alimentar .....	8
Tabela 8 : Contratação de mão de obra exterior para a produção algodoeira .....	8
Tabela 9 : Troca de trabalho entre explorações .....	8
Tabela 10 : Número médio de casas por exploração .....	9
Tabela 11 : Apreciação sobre o estado das casas .....	9
Tabela 12 : Número médio de habitantes por casa .....	10
Tabela 13 : Percepção de um apoio agrícola exclusivo pela Lomaco .....	10
Tabela 14 : Uma pratica bastante corrente de actividades anexas e de criação .....	11
Tabela 15 : Repartição das explorações em função da prática de criação e das actividades anexas .....	11
Tabela 16 : As diferentes actividades anexas conduzidas .....	12
Tabela 17 : Percepção de uma rentabilidade reduzida de actividades anexas .....	12
Tabela 18 : As primeiras produções animais praticadas .....	12
Tabela 19 : Usufruto e autorização de cultivar as terras .....	13
Tabela 20 : Repartição de terras cultivadas entre campos de casa e de mato .....	13
Tabela 21 : Repartição das terras cultivadas entre campos de casa e de mato nas explorações de origem "estrangeira" .....	14
Tabela 22 : Uma prática baixa do pousio .....	14
Tabela 23 : Duração reduzida do pousio .....	14
Tabela 24 : Percepção mitigada sobre a disponibilidade de terras para a extensão de culturas .....	15
Tabela 25 : Uma autosuficiência alimentar correntemente atingida .....	15
Tabela 26 : O recurso a mão de obra exterior não sempre basta para a autosuficiência alimentar .....	15
Tabela 27 : Tipos e números de celeiros .....	16
Tabela 28 : Os factores tidos como favoráveis a autosuficiência alimentar .....	17
Tabela 29 : Percepção sobre a evolução dos rendimentos das produções alimentares .....	17
Tabela 30 : Percepção sobre a evolução das produções alimentares depois da pratica da cultura do algodão .....	17
Tabela 31 : Percepção sobre a evolução dos rendimentos da produção alimentar em função do recurso a mão de obra exterior .....	18
Tabela 32 : Que fazer em caso de insuficiência alimentar ? .....	18
Tabela 33 : Uma vontade de aumentar as superficies com culturas alimentares .....	19
Tabela 34 : Evolução das superficies com culturas alimentares em função do recurso à mão de obra exterior .....	19

Tabela 35 : Repartição das explorações em função da situação de excedentes alimentares.....	19
Tabela 36 : Uma Percepção geralmente muito favorável sobre a evolução dos excedentes alimentares .....	20
Tabela 37 : Uma Percepção de excedentes alimentares menos favorável nas explorações não autosuficiente .....	20
Tabela 38 : Evolução dos excedentes em função do número de crianças.....	20
Tabela 39 : Os modos de utilização dos excedentes alimentares .....	21
Tabela 40 : Evolução das superfícies consagradas à cultura algodoeira.....	21
Tabela 41 : Evolução de superfícies algodoeiras em função do recurso à mão de obra exterior.....	22
Tabela 42 : Percepção sobre a evolução da rentabilidade da cultura algodoeira .....	22
Tabela 43 : Uma indicação da relação não negativa entre superfície e evolução da rentabilidade da produção algodoeira .....	22
Tabela 44 : As espécies cultivadas e modo de cultura.....	25



## 13. Liste dos Gráficos

Gráfico 1 : Distribuição das explorações em função da idade dos chefes de exploração .....	4
Gráfico 2 : Distribuição das explorações em função do número de habitantes e de crianças.....	6
Gráfico 3 : Distribuição das explorações em função do número de habitantes e de pessoas trabalhando no campo .....	6
Gráfico 4 : Distribuição das explorações em função do seu estado de suficiência alimentar.....	16
Gráfico 5 : Distribuição das explorações em função da superfície de terras cultivadas .....	23
Gráfico 6 : Distribuição das explorações em função da superfície de terra cultivada por habitante .....	23
Gráfico 7 : Distribuição das explorações em função da superfície cultivada e da superfície de culturas .....	24
Gráfico 8 : Parte do algodão na superfície total das culturas .....	25
Gráfico 9 : Parte das leguminosas na superfície total das culturas .....	26
Gráfico 10 : Parte dos cereais na superfície total das culturas.....	26
Gráfico 11 : Parte do milho na superfície total dos cereais.....	27
Gráfico 12 : Parte da mandioca na superfície total das culturas .....	27
Gráfico 13 : Distribuição das explorações em função do rendimento algodão-caroto.....	28
Gráfico 14 : Distribuição dos rendimentos de algodão-caroto nas explorações com mais de 1,5 ha de algodão.....	29
Gráfico 15 : Distribuição do rendimento de algodão-caroto nas explorações com menos de 1,5 ha de algodão.....	29
Gráfico 16 : Distribuição das explorações em função da receita bruta total proveniente da cultura do algodão .....	30
Gráfico 17 : Distribuição das explorações em função da receita por pessoa trabalhando no campo proveniente da cultura de algodão .....	31
Gráfico 19 : Distribuição dos rendimentos da mapira em grão .....	32
Gráfico 20 : Distribuição dos rendimentos de mexoeira.....	32
Gráfico 21 : Distribuição dos rendimentos de arroz decortado.....	33
Gráfico 22 : Distribuição das explorações em função do disponível por pessoa em grão de cereal .....	33